

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE DIREITO “PROFESSOR JACY DE ASSIS”
GRADUAÇÃO EM DIREITO

PAULO HENRIQUE BARBOSA ROBERTO

HARRY POTTER E A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO NA LUTA CONTRA AS
OPRESSÕES

UBERLÂNDIA

2022

PAULO HENRIQUE BARBOSA ROBERTO

**HARRY POTTER E A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO NA LUTA CONTRA AS
OPRESSÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Direito “Prof. Jacy de Assis” da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Direito.

Orientadora: Prof.^a. Dra. Daniela de Melo Crosara

UBERLÂNDIA

2022

PAULO HENRIQUE BARBOSA ROBERTO

**HARRY POTTER E A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO NA LUTA CONTRA AS
OPRESSÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Direito “Prof. Jacy de Assis” da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Direito.

Orientadora: Prof.^a. Dra. Daniela de Melo Crosara

Banca Examinadora

Prof.^a. Dra. Daniela de Melo Crosara (Orientadora)
Faculdade de Direito “Professor Jacy de Assis” (FADIR) - UFU

Prof. Dr. Raoni Macedo Bielschowsky (Examinador)
Faculdade de Direito “Professor Jacy de Assis” (FADIR) - UFU

Prof. Dr. Ivan Marcos Ribeiro (Examinador)
Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) - UFU

*Para Carol, amiga para todas as horas;
e para Marcos, meu professor de Português no
Ensino Médio pelas palavras mais lindas que
me foram ditas e servem de inspiração.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força para chegar até aqui mesmo com altos e baixos.

À minha grande amiga Carol, pela paciência em ouvir meus desabafos constantes e pelos sábios conselhos.

À minha irmã Thaiany, pelo carinho e por estar comigo no mesmo barco em situações difíceis.

Ao meu pai, por seu amor e apoio incondicional. A educação é uma das maiores heranças que poderia ter tido de sua parte. Muito obrigado!

Quando decidi cursar uma universidade pública, recebi diversas críticas de uma parte dos meus próprios familiares quanto à qualidade do ensino que receberia, sem contar as diversas afirmações que não correspondem à realidade. Mas esse estímulo me serviu de força e, ao longo desses cinco anos, apenas confirmaram que eu estava certo. À todas essas vozes, muitíssimo obrigado.

Às amigas que fiz por causa de *Harry Potter*: Júlia (que me emprestou os livros para que eu pudesse ler a saga pela primeira vez) e Thyago. E aos que me aturaram por só falar disso.

Aos amigos que a FADIR me trouxe: sem vocês não teria sido possível chegar até o fim.

Ao Rafael, por aguentar minha sinceridade extrema (com um pedido de desculpas por qualquer excesso), mas amigo é para essas coisas também.

Aos professores da FADIR por todo o conhecimento proporcionado que transcende muitas vezes, o próprio saber jurídico.

À minha orientadora, Prof.^a Dra. Daniela de Melo Crosara, por ter aceitado fazer parte do projeto e pela paciência. E ao Prof. Dr. Raoni Macedo Bielschowsky, pela experiência incrível proporcionada pela monitoria.

Aos professores que tive antes da universidade, em especial o Prof. Me. Marcos Fernandes Junior, por participarem de toda minha construção enquanto indivíduo. A vocês, toda minha admiração.

Ao Instituto de Letras e Linguística (ILEEL), por ter me aceitado em algumas disciplinas do curso de Letras – um “flerte” que valeu a pena.

À família da 10^a Vara Cível por todo ensinamento e carinho e por terem sido peça fundamental na minha vida e na minha formação acadêmica.

Por fim, ao meu psicólogo Eduardo, por ter me ajudado na fase mais difícil da minha vida em que precisei questionar meus valores, meus relacionamentos e minha vida acadêmica. Nem sempre a transformação é fácil e simples, mas necessária e constante. Gratidão!

*We don't need no education
We don't need no thought control
No dark sarcasm in the classroom
(...)*

*All in all, it's just another brick in the wall
All in all, you're just another brick in the wall
(...)*

(Pink Floyd, *Another Brick In The Wall - Pt. 2*)

RESUMO

A presente monografia, de cunho teórico, tem por objetivo analisar o impacto da educação e da cultura na construção de uma sociedade justa, livre e democrática face às arbitrariedades cometidas pelo Estado e à ofensa ao Estado Democrático de Direito. Através do impacto da série Harry Potter, de J. K. Rowling, observa-se que o mundo mágico criado se expande para além das páginas e telas, ganhando uma vívida discussão sobre intolerâncias e preconceitos. Cria-se então, em diálogo com a leitura de Paulo Freire, por meio da obra *Pedagogia do Oprimido*, um breve estudo da realidade brasileira em relação à educação, tal qual suas tentativas de desmonte e invalidação por meio de governos opressores, incluindo movimentos como Escola Sem Partido, a relação entre educadores e educandos e a tomada de consciência para libertação dos oprimidos.

Palavras-chave: Harry Potter; Paulo Freire; educação; opressão.

ABSTRACT

The present monograph, of a theoretical nature, aims to analyze the impact of education and culture in the construction of a fair, free and democratic society in the face of arbitrariness committed by the State and the offense to the Democratic State of Law. Through the impact of J.K. Rowling's Harry Potter series, it is observed that the magical world created expands beyond the pages and screens, gaining a vivid discussion about intolerances and prejudices. Then, in dialogue with the reading of Paulo Freire, through the work *Pedagogy of the Oppressed*, a brief study of the Brazilian reality in relation to education, as well as its attempts to dismantle and invalidate it through oppressive governments, including movements such as Escola Sem Partido, the relationship between educators and students and raising awareness for the liberation of the oppressed.

Keywords: Harry Potter; Paulo Freire; education; oppression.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 9 |
| 2 ANÁLISE DA ESTRUTURA NARRATIVA À LUZ DO ROMANCE DE FORMAÇÃO | 13 |
| 2.1 BLOCO NARRATIVO I: <i>A PEDRA FILOSOFAL, A CÂMARA SECRETA, O PRISIONEIRO DE AZKABAN.....</i> | 14 |
| 2.2 BLOCO NARRATIVO II: <i>O CÁLICE DE FOGO.....</i> | 15 |
| 2.3 BLOCO NARRATIVO III: <i>A ORDEM DA FÊNIX, O ENIGMA DO PRÍNCIPE, AS RELÍQUIAS DA MORTE.....</i> | 16 |
| 2.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ROMANCE DE FORMAÇÃO..... | 17 |
| 3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO, DE PAULO FREIRE | 19 |
| 3.1 EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE DOMINAÇÃO..... | 21 |
| 3.1.1 Teoria da Ação Antidialógica..... | 23 |
| 3.1.1.1 <i>O exemplo do movimento Escola Sem Partido e o bloqueio ao pensamento crítico.....</i> | 24 |
| 3.2 EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE..... | 28 |
| 3.2.1 Teoria da Ação Dialógica..... | 28 |
| 4 A EDUCAÇÃO EM HARRY POTTER COMO CONSCIENTIZAÇÃO..... | 31 |
| 4.1 A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO CAOS NA COMUNIDADE BRUXA E A OPRESSÃO..... | 31 |
| 4.1.1 A Brigada Inquisitorial..... | 33 |
| 4.2 ARMADA DE DUMBLEDORE: EM DEFESA DE HOGWARTS E DA EDUCAÇÃO..... | 35 |
| 4.3 A LUTA NA SEGUNDA GUERRA BRUXA E A LIBERTAÇÃO DO OPRIMIDO | 38 |
| 4.3.1 A Batalha de Hogwarts..... | 39 |
| 4.3.2 A linha tênue entre oprimidos e opressores..... | 41 |
| 4.3.2.1 <i>Draco Malfoy.....</i> | 41 |
| 4.3.2.2 <i>Severo Snape.....</i> | 42 |
| 4.4 HARRY POTTER: UM LÍDER REVOLUCIONÁRIO?..... | 43 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 46 |
| REFERÊNCIAS..... | 50 |

1 INTRODUÇÃO

O tema do presente trabalho é a importância da educação na luta contra as opressões e arbitrariedades do Estado, estabelecendo um papel entre Direito e Literatura, por meio da série literária *Harry Potter*, de J. K. Rowling.

Na contemporaneidade, em um cenário tão marcado pela incerteza, fome, violência entre as mais diversas formas de violação aos direitos humanos, a sociedade, apesar de ter conquistado mais direitos do que nunca vistos, mesmo em um regime democrático carece de uma participação democrática efetiva. Sendo assim, faz-se necessário um novo olhar, mais humano sobre o indivíduo, principalmente no que diz respeito às minorias sociais.

A educação e a cultura no referente às suas manifestações artísticas, têm nesse aspecto um papel de grande importância ao repensar a coletividade ao trazer esse lado humano ao pensar o indivíduo e suas necessidades. Basta olharmos para um passado não tão distante tal qual compreendemos como a Ditadura Civil Militar entre os anos de 1964 e 1985 (MADEIRA, 2019, p. 10) para entendermos a importância que os artistas exerceram naquele contexto de opressão, onde, por meio de mensagens subliminares (MADEIRA, 2019, p. 23) conseguiram encontrar na arte uma forma de se liberarem, expressando sentimentos de descontentamento com o governo da época.

A arte cumpre o papel de expressar a realidade por meio de uma outra linguagem um pouco mais sensível, permitindo assim, um acesso à compreensão do mundo e desenvolvimento de uma expressão política. Nesse sentido, ao colocarmos a arte como linguagem, surge a importância de se aproximá-la de outras áreas do conhecimento, como o Direito – também compreendido como uma linguagem – de modo a humanizá-lo rompendo com suas estruturas dominadas pelo excesso de formalismo e burocracia exacerbada.

Desse modo, tem-se a literatura como a forma artística escolhida para o presente trabalho, haja vista que tanto no âmbito jurídico quanto no literário, deve-se buscar para além do sentido denotativo das palavras; ressaltando, portanto, que na literatura por meio de uma natureza lúdica (VIEIRA, 2019, p. 7) lida com a subjetividade do ser humano em sua melhor forma.

Em que pese, a nível acadêmico, seja possível ver com mais frequência essa aproximação entre Direito e Literatura (VIEIRA, 2019, p. 7), não se deve excluir grandes best-sellers contemporâneos da discussão, por serem produtor de nossa época e expressarem, ao seu modo, os anseios de uma geração e a reinvenção de um mundo “ideal” (VIEIRA, 2019, p. 7).

Com isso, chegamos à série literária *Harry Potter*, escrita por J. K. Rowling e publicada entre 1997 e 2007, como objeto de estudo, sobretudo os acontecimentos a quinto livro da série. A saga em questão que vendeu mais de 500 milhões de cópias no mundo (POTTERMORE, 2018) em cerca de 80 idiomas, e já se tornou um clássico por grande parte da crítica literária especializada e pelos próprios leitores, trata-se muito mais do que uma simples fantasia, mas de uma obra que se propõe a transmitir uma mensagem sobre valores, educação etc.

O impacto que a obra teve em sua geração se confirma por meio, inclusive, do surgimento de disciplinas ou até mesmo de cursos em diversas universidades no Brasil¹ e no mundo com foco nos livros e/ou filmes da série; uma relevância que não pode ser ignorada dentro da academia.

O primeiro livro da saga, *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, nos apresenta o universo ficcional no qual, o protagonista descobre no seu aniversário de 11 anos que é um bruxo e, para além disso, um mago famoso em decorrência de ter derrotado Lord Voldemort, um bruxo das trevas temido por toda a comunidade mágica mundial. Ao realizar essa descoberta, inicia seus estudos na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts e lá descobre mais sobre sua origem e funcionamento do mundo mágico, aprendendo a realizar e controlar a magia além de fazer amizades que o auxiliam na sua trajetória.

Todo o conjunto dos acontecimentos e personagens, faz com que os sete livros se revelem como uma história multifacetada e, por isso, complexa. Isto decorre em parte pela maneira como a autora construiu o universo em unir e/ou fazer a releitura de vários conhecimentos científicos, costumes e tradições repassadas ao longo nos anos.

Isto nos leva a pensar um dos motivos por trás do sucesso de Harry Potter, qual seja, a identificação. Na construção do universo mágico, há a consolidação de uma ideia presente na ficção fantástica que é a identificação do leitor por meio da aproximação entre ficção e realidade, não apenas pelos elementos elencados no parágrafo anterior, mas pela própria estrutura da comunidade bruxa que muito se assemelha à comunidade britânica, desde a forma de governo, passando pelo sistema judiciário até a educação, cujos dilemas sociais e políticos apesar de se tratarem de realidades distintas, são comuns em todo o mundo.

O sistema de ensino no mundo mágico, em especial, em Hogwarts, é assim como na sociedade britânica, marcado pela excelência, tradição e disciplina. Ocorre que, trata-se de magia e bruxaria, logo, o porquê de as coisas serem como são cabe pouco questionamento, basta

¹ **Curso da USP sobre Harry Potter tem vagas esgotadas em apenas um dia.** 2019. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/educacao-br/curso-da-usp-sobre-harry-potter-tem-vagas-esgotadas-em-apenas-um-dia>. Acesso em: 15 jul. 2022.

executar o que é aprendido, como se tudo aquilo representasse a fé em uma força sobrenatural de origem desconhecida. Nota-se antes, que a própria na própria ideia de realização de um feitiço está contida a ideia de um ritual, ou seja, de uma repetição, o que não se distancia tanto assim das tradições que temos na realidade, como a religião, por exemplo.

A ideia de conformidade presente ao longo da saga não se dá em face do conhecimento em magia propriamente dito, mas nos conflitos a aplicação desta. Desde que o antagonista Lord Voldemort fora “derrotado” por Harry Potter ocasionando o fim da Primeira Guerra Bruxa, nos dez anos que antecedem a história do primeiro livro, que, a comunidade bruxa se mantém um tanto quanto inerte na crença de que o mal, por meio de uma magia das trevas acabou de vez.

Embora, desde o início o trio protagonista composto por Harry Potter, Hermione Granger e Rony Weasley, ganha destaque em suas aventuras, por outro lado, a sociedade bruxa vive em negação de acontecimentos que representam um perigo maior para si próprios e para os bruxos de um modo geral. De um lado, parte dos bruxos acreditam que Lord Voldemort ao ter enfrentado Harry, perdeu os seus poderes para sempre e que não irá retornar por descrença de fato e falta de informação, outra parte acredita que em breve o vilão retornará com seus poderes e iniciará uma nova guerra.

Apesar da incerteza que paira o mundo bruxo quanto à probabilidade do retorno de Voldemort, a sociedade mágica nos livros é ainda dividida por um falso ideal de raça, quais sejam, os bruxos de “raça pura”, mestiços ou nascidos *trouxas*². Logo, percebe-se que essa luta de bem contra o mal como a série coloca se concentra no desejo do opressor em dominar a minoria, oprimida. Grande parte da série e dos grandes conflitos se iniciam com base em uma possível pureza de raça, e assim, chegamos a uma primeira ideia de *opressão*, pelo qual Harry, seus amigos mais próximos, os estudantes de Hogwarts e toda a comunidade bruxa precisam lutar.

De acordo o dicionário Michaelis, a palavras “opressão” adquire muitos sentidos tais como, a imposição de uma força ou autoridade, tirania, o cerceamento de direitos individuais, ou ainda traz o significado de humilhação (OPRESSÃO, 2022).

Ante o exposto, a aproximação entre Harry Potter e Direito se torna mais evidente, considerando a estrutura do livro, bem como as temáticas trazidas, quais sejam de intolerância, preconceitos e a ameaças a noção de estado de direito, ou seja, a ideia de que não é possível se pensar em um Estado Democrático *de* Direito, sem a participação das minorias e a garantia de que viva em condição de dignidade.

² Na série, o termo “trouxa” se refere àqueles que não possuem poderes mágicos. No caso, os nascidos trouxas são aqueles cujos pais não têm origem bruxa, no entanto, o indivíduo manifestou os poderes.

Assim, o objetivo deste trabalho é propor um exercício de reflexão acerca do impacto de uma educação libertadora – e da falta dela – na sociedade contemporânea, demonstrando como indivíduos podem ir da invisibilidade a postos de liderança além de um maior posicionamento social e político.

Desse modo, visando cumprir o objetivo de instigar a reflexão mencionada, a metodologia adotada consiste em uma análise bibliográfica da série Harry Potter³, do ponto de vista literário e psicopedagógico, por meio de analogias possíveis entre o texto ficcional com a realidade, em especial, as vivências no âmbito educacional. Tendo em vista a extensão da série, foi utilizado um recorte acerca dos acontecimentos a partir do quinto livro, *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, no que diz respeito a importância da educação na conscientização das minorias enquanto minoria e o papel destas no campo político-ideológico. Com o intuito de enriquecer a discussão, foi feito com diálogo com a obra *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire e suas contribuições acerca do tema.

Considerando o referencial teórico trabalhado, qual seja uma leitura crítica de Harry Potter a partir das teorias de Paulo Freire, é inviável, portanto, uma abordagem excessivamente rígida. A motivo disso ocorre pois, segundo o autor uma educação bancária, que em linhas gerais, acontece pela mera reprodução de conteúdo, não possui força para incitar o debate.

Inicialmente, no *primeiro capítulo* haverá a contextualização da história de Harry Potter, por meio de uma divisão didática de análise, sob a ótica do romance de formação, e consequentemente uma breve análise deste, considerando a necessidade de “desconstrução” do universo ficcional para que adentremos no cerne da história.

No *segundo capítulo*, analisaremos um campo mais específico sobre educação, em especial, por meio do pensador Paulo Freire, bem como conceitos trazidos pelo educador tais como a diferenciação entre os modelos de educação como instrumento de opressão face à educação como instrumento de prática da liberdade. Ademais será abordado brevemente os embates que a educação vem enfrentando como as tentativas de reformas no sistema de ensino brasileiro.

Por fim, o *terceiro capítulo* consistirá na análise – consolidando todas as informações anteriores – do papel da educação na série *Harry Potter*, trazendo-a para realidade e as lições que podem ser tomadas para que se coloque em prática a luta contra as opressões.

³ Para fins de análise da série, foi feita a separação entre autoria e obra. A importância desta separação no presente caso, ocorre, pois, J. K. Rowling em decorrência de algumas publicações em suas redes sociais, foi acusada de transfobia por parte de seus seguidores, sendo sua maioria composta por fãs. O assunto repercutiu a ponto de muitos deixarem de adquirir seus livros, incluindo Harry Potter.

2 ANÁLISE DA ESTRUTURA NARRATIVA À LUZ DO ROMANCE DE FORMAÇÃO

Para início do percurso reflexivo, é necessário que se faça uma breve análise da estrutura da narrativa de *Harry Potter* à luz do romance de formação. A necessidade se dá em face de que os personagens ao longo dos sete livros vão crescendo e ganhando maturidade, tornando-se mais autônomos (FRANCISCO, 2019, p. 19). É importante lembrar que a história levou dez anos para ser inteiramente publicada, com o primeiro livro chegando às livrarias em 1997 e o último em 2007, logo, é válido supor que o leitor de 1997 já não seria o mesmo de 2007; isso sem contar das oito adaptações cinematográficas vieram entre 2001 e 2011. Assim, à medida em que Harry ia galgando passos na sua formação enquanto bruxo, o leitor para além das páginas e/ou da tela foi se *formando*⁴ em conjunto, como leitores não apenas em literatura, mas do mundo.

Ademais, tendo em vista que se trata de uma obra literária, a análise narrativa busca situar o leitor. Para tanto, houve a cautela de que fosse breve e didática evitando que se transformasse em mera resenha literária, mas na intenção de estreitar os laços entre Harry Potter e a aproximação com a realidade e com o Direito.

Em que pese não haja consenso na literatura, assim como na arte de modo geral, há por grande parte dos fãs da série *Harry Potter* o questionamento se Harry Potter deveria ser de fato protagonista. Provável que parte dessa opinião seja em decorrência da construção do personagem nos filmes, e aqui, importa ressaltar que nada tem a ver com a atuação do ator que o interpreta, mas na construção do próprio roteiro que, embora de boa qualidade, não obteve êxito em captar toda a essência e complexidade trazida pelos livros.

Outra parcela da opinião de que Harry não deveria ser o dono da história se baseia na argumentação de que se não fosse pela ajuda de outros personagens, em especial, a inteligência de Hermione Granger sem cuja participação teria morrido logo no primeiro livro (FRANCISCO, 2019, p. 24); ou ainda que sem o apoio da Ordem da Fênix ou do diretor Alvo Dumbledore que lhe revelou segredos importantes sobre seu passado e de seu inimigo, não teria sido possível lutar contra Lord Voldemort.

A escolha para o protagonismo da série não aconteceu de forma aleatória, pois por trás da criação de Harry Potter, há muito das experiências vividas pela própria autora

⁴ É possível vislumbrar de antemão, uma ideia de comunhão de indivíduos/individualidades, defendida por Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido* (2020, p. 71): a vontade do Harry ser livre e libertar o mundo das injustiças e a do leitor que sente as dores do protagonista e de alguma forma se identifica, buscando também ser tolerante e lutar por uma sociedade mais justa e igualitária.

(FRANCISCO, 2019, p. 14). Além disso, ele assume um papel importante na união dos estudantes e destruição de Voldemort, sendo injusto retirarmos dele o papel principal.

Podemos nos questionar então: a quem pertence nossa narrativa? O que somos/queremos ser ou qual história queremos contar? Sob qual perspectiva? Nesse sentido, Charles Dickens em *David Copperfield* (2014, p. 21) nos presenteia com um trecho de abertura que traduz essa ideia: “Se serei o herói de minha própria vida, ou se essa posição será ocupada por alguma outra pessoa, é o que estas páginas devem mostrar”.

Dessa forma, para uma análise mais precisa da série Harry Potter no que tange à sua narrativa, é considerável que se faça observando a estrutura dos próprios livros que marcam o *crescimento* do protagonista em diferentes níveis. Para tanto foi feita a divisão, para fins didáticos, em três blocos narrativos.

2.1 BLOCO NARRATIVO I: *A PEDRA FILOSOFAL, A CÂMARA SECRETA, O PRISIONEIRO DE AZKABAN*

Composto pelos três primeiros livros, temos a estruturação e caracterização do mundo mágico, dos personagens como – e principalmente – o próprio Harry Potter. Trata-se de uma narrativa mais simples e linear, que utiliza da estrutura de romances policiais.

Nesse tocante, a organização da história ocorre de modo extremamente didático: algum acontecimento que desperta a curiosidade do trio protagonista (Harry Potter, Hermione Granger e Rony Weasley) e, por meio da coragem que lhes move⁵, ocorre uma busca para desvendarem o mistério (FRANCISCO, 2019, p. 20). Tais experiências relacionam ao objetivo reparar alguma injustiça e evitar danos maiores ao mundo bruxo, ainda que não seja o objetivo do grupo em bancar os heróis ou que tenham a real noção da dimensão em que estão inseridos. Resolvidos os conflitos, tudo fica aparentemente bem e no final, terminado o ano letivo, Harry retorna a mais um verão entediante da casa da família trouxa, os Dursley.

Embora a autora tenha pensado na história como uma série desde a escrita das primeiras linhas, cada um desses três livros apresenta estruturas narrativas fechadas, confirmando a relação próxima com os romances policiais (FRANCISCO, 2019, p. 21), logo, é a partir do quarto livro em que a série adquire esse status de modo mais evidente.

⁵ Característica da Grifinória, casa de Hogwarts a qual pertencem. Os estudantes da escola são divididos em quatro casas ao todo, além da já mencionada Grifinória, sendo as demais Sonserina, Lufa-lufa e Corvinal.

Em síntese, do primeiro ao terceiro livro, concebemos apenas um Harry Potter-herói, que exerce essa “função” desde sempre, para ser mais preciso, desde 1 ano de idade quando derrotou Aquele-Que-Não-Deve-Ser-Nomeado⁶.

2.2 BLOCO NARRATIVO II: *O CÁLICE DE FOGO*

Eis que chegamos à metade da série, e há a expectativa de que este livro seja um divisor de águas para o desenvolvimento da história, como de fato é. Logo, a trama deste volume, foca entre o herói (um jovem levado a competir por acaso em um perigoso campeonato) e o sujeito que é obrigado a pensar em si mesmo pela primeira vez (FRANCISCO, 2019, p. 23).

Em meio à inserção de novos personagens e a expansão do mundo da magia, ainda que haja um certo mistério – quem colocou o nome de Harry no Cálice de Fogo, este não é o foco do livro, haja vista que aqui, a corrida é para sobreviver ao Torneio Tribruxo. Neste ponto, se antes o foco era em descobrir sua origem (passado), o quarto livro aborda o presente por meio da necessidade de se salvar.

Diferentemente das três narrativas anteriores (Bloco I), essa autopreservação pode ser entendida como um traço de subjetividade, o início da adolescência de Harry, ou seja, uma fase de individualidade e até certo egoísmo, o protagonista começa a se defender de vários modos: quando é acusado pelos colegas de ter colocado o nome no *Cálice de Fogo*⁷ propositalmente sob alegação de que realizou o ato por vaidade e/ou necessidade de se manter sob os holofotes e alcançar a glória eterna⁸; ou ainda, quando, no momento em que vence o Torneio e é transportado para um cemitério e presencia a ascensão do Lorde nas Trevas, além de ter que lidar com a morte de um aluno da escola, Cedrico Diggory.

Em suma, o que era óbvio adquire mais força: pouco importa sua fama, pois ele é só um garoto comum que tenta viver de forma comum, ele, como tantos outros, está tentando passar pela adolescência sem grandes sobressaltos – e por ora, isso é o bastante.

⁶ Um dos muitos eufemismos que Lord Voldemort recebe ao longo dos livros, pois a comunidade bruxa como um todo teme pronunciar seu nome, haja vista entenderem que este carrega uma carga negativa.

⁷ No universo bruxo, trata-se de um artefato mágico utilizado para sorteios. O participante deposita seu nome em um pergaminho e o cálice em chamas, devolve o nome, concretizando o sorteio.

⁸ Dentre os prêmios do Torneio Tribruxo (competição entre três jovens de nacionalidades e escolas diferentes), além do troféu é anunciado que o vencedor ainda terá a glória “eterna”.

2.3 BLOCO NARRATIVO III: *A ORDEM DA FÊNIX, O ENIGMA DO PRÍNCIPE, AS RELÍQUIAS DA MORTE*

Após os acontecimentos traumáticos do quarto livro como a volta de Voldemort e morte de Cedrico Diggoy, em *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, o protagonista está mais impulsivo do que anteriormente, no sentido de um personagem um pouco mais rebelde (FRANCISCO, 2019, p. 23). Essa impulsividade, que em certa medida é marcante no protagonista e que advém da necessidade de se defender. A defesa então, nesse momento da história, tal defesa se amplia para além da magia.

Para além das atitudes impensadas que já tínhamos visto antes, ao contrário de Hermione Granger, que sempre buscou um certo equilíbrio entre inteligência e coragem, neste livro há uma extensão da subjetividade de Harry, haja vista que, vemos que é ele como qualquer outro ser humano sente raiva, ódio, é extremamente orgulhoso etc. (FRANCISCO, 2019, p. 47). Harry – e os leitores – descubram a suas fraquezas, questões mal resolvidas e a busca por descobrir suas reais necessidades; em suma, existência de um lado mais sombrio em si mesmo.

Em *Enigma do Príncipe*, após as descobertas sobre seu passado no fim do livro anterior, que marca o início do fim da história, enxergamos a multiplicidade do protagonista de modo mais claro, muito melhor formada do que antes, de modo que, ante às informações relevantes que adquiriu no ano anterior, consegue analisar determinadas situações com mais clareza, tendo inclusive momentos de alívio, tal como o quadribol ou ainda o mistério acerca da identidade do príncipe mestiço, que em meio à busca pelo passado de Lord Voldemort, adquire um tom de passatempo.

Um marco nesse ponto da história consiste justamente na *escolha* de ser “o Eleito” – a pessoa que, por meio da derrota de Voldemort (FRANCISCO, 2019, p. 24), colocaria fim à Segunda Guerra Bruxa e com isso salvaria o mundo mágico – independentemente da profecia que destinava a esse fim. Tal escolha de modo mais forte do que antes, é a expressão da maturidade de Harry Potter, em relação ao lado coletivo se sobrepor ao individual, considerando que a ideia não é salvar a si mesmo, mas se preciso for, se sacrificar em prol de toda uma comunidade.

Por fim, em *Relíquias da Morte*, nos é mostrado a importância de se agir com fidelidade aos próprios princípios: quando Harry decide morrer em prol da coletividade, é quando abraça sua humanidade, ao fato de que somos finitos.

Em que pese, a subjetividade adquira peso na parte final, é justamente neste ponto que podemos encontrar o herói. J. K. Rowling, nos faz criar empatia por esse personagem, ao mostrar que os verdadeiros heróis são pessoas reais.

2.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ROMANCE DE FORMAÇÃO

Presentes todos os elementos expostos anteriormente, chegamos à configuração da série Harry Potter como um *romance de formação*.

O romance de formação se trata de uma espécie literária, dentro do gênero *romance* e tem como característica um enredo que apresenta como foco central o processo de evolução e aprendizado de um personagem, ao modo com que o jovem aprende a lidar com sua interioridade frente às adversidades do mundo (MORETTI, 2020).

Ocorre que, diferentemente das obras de Dickens que se enquadram no romance de formação (MORETTI apud FRANCISCO, 2019, p. 42), Harry Potter apresenta o diferencial por se tratar de uma obra de fantasia. Verifica-se com isso, a inteligência de J. K. Rowling que, embora não tenha como formação acadêmica a literatura, tendo em vista sua formação em Francês e Línguas Clássicas, pela Universidade de Exeter, na Inglaterra (FRANCISCO, 2019, p. 98), não deixou de observar a estrutura dos grandes clássicos literários, períodos e estilos, ao tratar tal arte quase que de modo científico ao repetir, mas ao mesmo tempo incrementar, fórmulas que deram certo ao longo dos anos – ainda que tenha feito de modo involuntário.

Quando falamos de Harry Potter propriamente dito, vemos um personagem órfão – orfandade muito explorada na literatura, a exemplo do próprio Charles Dickens, com o Pip de *Grandes Esperanças*, ou David Copperfield da obra de mesmo nome – que é obrigado a conviver com os tios até a descoberta de sua origem no primeiro livro, em um lar completamente hostil e sem afeto, e que, ainda que seja um herói nato (MORETTI, 2020), é apenas um garoto comum ou que ao menos tenta ser. Isto posto, temos a criação de uma empatia pela maioria dos leitores, que faz com que a série Harry Potter, pode-se dizer como o romance de formação mais bem sucedido de todos os tempos. Afinal, do que somos órfãos? Com o que nos sentimos oprimidos? – aproximadamente 500 milhões de exemplares vendidos confirmam o sucesso.

Nas palavras de Franco Moretti, em *O romance de formação*:

Em outros termos: o “sentido da história” no romance de formação não possui como ponto de partida o “futuro da espécie”. Deve, ao contrário, manifestar-se dentro dos mais estreitos limites de uma existência individual circunscrita e relativamente comum. Daí decorre que o romance se propõe, não como crítica, mas como cultura da vida cotidiana. Longe de desvalorizá-la, organiza “civiliza” essa forma de existência,

tornando-a cada vez mais viva e interessante — ou ainda, com Balzac, fascinante. (Moretti, 2020, p. 52)

Descreve ainda o referido autor, as escolhas como características desse tipo de obra; de um bem contra o mal, não em sentido maniqueísta, mas como uma escolha interna. Nas palavras do próprio Dumbledore: “São nossas escolhas, Harry, que mostram quem realmente somos, muito mais do que nossas habilidades”, escolhas essas que o orientam por toda vida, e que as preservam ao longo dela com base nos próprios princípios.

Conclui-se acerca do romance de formação, que por meio da criação de empatia, há a elevação de indivíduos comuns a papéis de protagonistas de suas histórias – na época e/ou meio onde vivem. E é em meio de toda imprecisão, causada pela construção do indivíduo Harry Potter, que o significado de *formação* nunca ganhou um significado tão preciso.

Logo, considerando que os aprendizados que formaram Harry ocorreram em grande parte no âmbito escolar, é possível discutir o papel da educação nesse contexto, uma vez que para que o herói da história pudesse cumprir sua missão foi necessário que compartilhasse tudo que lhe foi ensinado. Nesse sentido, uma breve discussão teórica acerca da educação se torna relevante, sobretudo, por meio do diálogo com o pedagogo Paulo Freire e suas lições acerca da importância de uma formação humanista na construção de uma sociedade mais justa.

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEDAGOGIA DO OPRIMIDO*, DE PAULO FREIRE

A humanização de Harry Potter enquanto personagem protagonista desse romance de *formação*, se deu em face da educação libertadora na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, por meio dela, Harry conseguiu libertar a todos da opressão em que a comunidade bruxa vivia.

Desse modo, no que tange à defesa de uma educação como instrumento de libertação dos homens, chega-se aos estudos de Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*, cujos ensinamentos podem ser vistos em diversas estruturas. Faz-se necessário, portanto, uma síntese com algumas considerações dos principais pontos trazidos pelo teórico.

No prefácio da obra, escrito pelo professor Ernani Maria Fiori, somos apresentados a informações relevantes no que diz respeito ao método de Paulo Freire, qual seja, de uma pedagogia como método de alfabetização (FIORI, 2020, p. 12)⁹.

Nesse sentido, nós na condição de seres humanos, somos seres culturais, buscamos formas de compreensão do mundo, por meio da linguagem; como forma de mantermos nossa história, criamos códigos como uma forma de “descodificação” do mundo, de descoberta; logo, entende-se pela importância do código para contarmos nossa história, nos posicionarmos.

Entretanto, com relação à criação de códigos e rituais, encontra-se o impasse do modo como isso é difundido. Observa-se que no decorrer das gerações, embora muitas tradições tenham se perdido, outras se mantiveram e continuam a ser repassadas sem ninguém que as questione, ou se faz, encontra-se perdido. Antes havia, por exemplo, a separação de turmas de meninos e meninas, algo não tão comum atualmente, ou ainda, o emprego de alguns castigos físicos por parte dos professores como aplicação de disciplina (DRECHSEL, 2019); hoje, se manteve o modelo de organização de alunos em filas, uma estrutura por si só antidialógica.

Importa ressaltar que, em relação às diferentes áreas do conhecimento, cada uma possui seu próprio código e no que se refere a tais especificidades, sabedoria e empatia são fundamentais ao aproximarmos essa linguagem do povo.

Em se tratando do Direito, em específico, verifica-se o excesso de ritos e tradições que além de não corresponderem mais à realidade atual, continuam sendo difundidas: o uso do latim mesmo quando há outro termo equivalente em língua portuguesa, que apesar de ser a base da nossa língua, seu uso está muito ligado ao surgimento do direito (REZENDE; AGUIAR, 2019,

⁹ Em 1963, em Angicos, interior do Rio Grande do Norte, trezentos trabalhadores rurais foram alfabetizados em apenas 40 horas, pelo método proposto por Paulo Freire. Esse foi o resultado do projeto-piloto do que seria o Programa Nacional de Alfabetização do governo de João Goulart, presidente que viria a ser deposto em março de 1964.

p. 56), sem contar a burocracia estatal por meio de excesso procedimental dentro de um processo judicial. Tudo isso, distancia o povo do Direito e da realidade; o que deveria libertar, mas que acaba por oprimir ainda mais.

Observa-se que manter o povo na ignorância é um modo de garantir a manutenção do poder.

Ernani (2020, p. 13) continua afirmando que alfabetizar é conscientizar. Desse modo, o método de Paulo Freire não constitui na repetição de palavras etc., mas na colocação do alfabetizando, ora o oprimido, no papel de protagonista, que constitui e conquista, historicamente, sua própria forma (FIORI, 2020, p. 13), ou seja, uma pedagogia como antropologia. Infere-se desse modo que só seria válido a criação de fórmulas que fizessem sentido à realidade concreta, ao modo como os indivíduos em sociedade a transformam¹⁰.

Logo, com relação ao código de um modo geral, seja os símbolos, palavras etc., estes estão a nosso serviço ou assim devem ser colocados, desde que, de modo positivo. Na alfabetização (aqui, estendendo o termo como sinônimo para aprendizado, de modo geral), a construção de palavras, é igual à construção do nosso mundo, isto dito de outra maneira, significa que, ao passo que adquirimos novos conhecimentos, podemos nos relacionar melhor com o mundo e com isso fazemos tentativa de transformá-lo. Em Harry Potter, vemos que os personagens a cada ano aprofundam os seus conhecimentos teóricos e práticos, que os ajudam no dia a dia, assim como a sobreviverem nas diversas situações, cotidianas ou não; aprendizados que ganham mais destaque e relevância da metade da história em diante quando é exigido dos estudantes que se posicionem na guerra e na sociedade bruxa. Esse posicionamento, nos leva a outro ponto: o de construção do mundo o qual deseja, a importância da linguagem para contarmos nossa história e nos posicionarmos, dado que o homem não se naturaliza, humaniza o mundo (FIORI, 2020, p.18) e, humanizando o mundo, acaba por se humanizar também.

Em que pese, a importância de humanizar o mundo seja evidente, Paulo Freire define a desumanização da seguinte forma:

A desumanização, que não se verifica apenas nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do ser mais. [...] a desumanização mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera violência dos opressores e esta, o ser menos. (FREIRE, 2020, p. 40-41)

¹⁰ Acerca da transformação da realidade, vemos muitos casos de exemplos de superação das minorias. Na autobiografia da ex-primeira-dama dos Estados Unidos da América Michelle Obama, intitulada *Minha história*, ela relata desde sua origem em Chicago até ser conhecida no mundo todo, o processo de se perceber enquanto uma mulher negra, e a importância da educação na compreensão e tradução do nosso mundo, como um modo de conscientização das pessoas (OBAMA, 2018, p.27).

A palavra, portanto, surge no equivalente à ação, que nos abre a consciência para o mundo (FIORI, 2020, p. 26-28).

Paulo Freire inicia Pedagogia do oprimido falando sobre o medo da liberdade, ou de quem não tem consciência de que a possui. Grande parte dos opressores que manipulam o discurso opressor, afirmando defender a liberdade, porém, na intenção de manter seu status quo, buscam maneiras de impedir que a liberdade chegue aos oprimidos (FREIRE, 2020, p. 33). O medo da liberdade pode ser entendido como o medo do próprio opressor, de maneira que o oprimido muitas vezes prefira escolher o lado do opressor por lhe ser mais cômodo, do que, exercer sua liberdade pois esta para ser colocada em prática exigirá um confronto direto com o opressor.

O opressor atua perante o oprimido, impondo suas ideias, vontade e consciência perante desumanizando-os e ao mesmo tempo se desumaniza também no meio do processo. Os oprimidos que internalizam a opressão, já não se sentem donos da própria história, tendo a forte tendência a acreditar que são frutos do meio onde vivem e que não poderão mudar essa realidade de nenhuma forma, simplesmente aceitá-la. Há aqueles que possuem inclusive a vontade de se tornar iguais aos opressores (FREIRE, 2020, p. 44), com o mesmo estilo de vida¹¹.

Desse modo, deve-se buscar a superação da contradição opressor-oprimido. Nesse sentido não se pode esperar que essa superação parta do opressor pois, já não seria mais opressor.

3.1 EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE DOMINAÇÃO

Adentrando um pouco mais no pensamento de Paulo Freire, de início o autor já nos apresenta alguns conceitos básicos na justificativa do porquê se criar uma pedagogia do oprimido.

Nesse tocante, temos a *sectarização*, entendido como um elemento castrador, mítica e irracional, que transforma a realidade em uma falsa realidade e, por isso, imutável (FREIRE, 2020, p. 34). Aqui, a título de exemplo, podemos colocar os costumes e tradições que são passadas de geração em geração sem ninguém que as questionem.

¹¹ Freire traz um exemplo bem comum disso: o empregado que é promovido a um cargo mais alto em uma empresa e se tornam se tornam “amaciados”, agindo com os seus inferiores, antes seus iguais, de forma opressora, até como forma de se manterem no emprego, servindo como instrumento do verdadeiro opressor, o dono da empresa (FREIRE, 2020)

A *radicalização* surge no sentido de que toda revolução, aos olhos do opressor, é vista como radical, como mera rebeldia, considerando que nela está intrínseco o pensamento crítico e a vontade de mudança da realidade.

Feitas essas considerações gerais acerca da dominação, um dos principais conceitos na teoria de Paulo Freire é o da *educação “bancária”*. Nela, a educação se coloca em uma posição rígida de impossibilidade de troca entre aluno e professor, de maneira que os educandos servem como meros “depósitos” em que lhes é despejado uma série de informações (FREIRE, 2020, p. 94), porém carente de uma coerência no aprendizado ao nortear esse mesmo educando em como aplicar o conhecimento aprendido na prática, na transformação da realidade.

Diferentemente do que ocorre com uma educação libertadora, que não se constitui no simples “narrar”, no “repassar” do objeto estudado, mas no levar a pensar (FREIRE, 2020, p. 94), tornando os indivíduos mais adequados ao mundo, haja vista que a educação bancária busca uma apassivar os indivíduos (FREIRE, 2020, p. 88).

Logo, tendo em vista que o opressor teme o *porquê*, o pensamento crítico, por qual motivo, na visão opressora, serviria a filosofia, a história, a sociologia por exemplo? Por que motivo haveria a existência de tais disciplinas nas escolas brasileiras, se a elas está intrinsecamente relacionada o pensamento crítico? Com o intuito de manutenção da dominação por parte da elite, surgem projetos de leis que tem por objetivo uma reforma curricular nas escolas e outros movimentos tais como o Escola Sem Partido, que busca uma forma de cercear o pensamento crítico por meio de uma educação aparentemente imparcial sem doutrinação e ideologia política.

Isso ocorre pois quando a superação da contradição entre opressor e oprimido ocorre, o opressor não se reconhece no processo, com medo do que está ocorrendo, sente-se eles os oprimidos (FREIRE, 2020, p. 61). Daí surgem os ataques aos oprimidos, a inversão de papéis de modo a continuar a manipulação como se fossem os oprimidos os tiranos, como se as vítimas de manipulação, que optaram por sair dessa condição tivessem inaugurado a tirania (FREIRE, 2020, p. 59).

Diante da ameaça de perder seu poder sobre o oprimido, pode surgir inclusive o desespero da generosidade de forma manter a manipulação, logo,

(...) a pedagogia que, partindo dos interesses egoístas dos opressores, egoísmo camuflado de falsa generosidade, faz dos oprimidos objetos de seu humanitarismo, mantém e encarna a própria opressão. É instrumento de desumanização. (FREIRE, 2020, p. 56)

Com o intuito de tornar mais fácil a compreensão, Freire se propõe em sistematizar duas teorias da ação cultural (FREIRE, 2020, p. 167), qual sejam, a dialógica (revolucionária e libertadora) e a antidialógica (opressora), como veremos a seguir.

3.1.1 Teoria da Ação Antidialógica

Um dos aspectos trazidos pela teoria da ação antidialógica, consiste na *conquista*. Nesse tocante, o dominador pretende cumprir seu objetivo, de dominar, das mais variadas formas, desde as mais repressivas até as mais suaves.

Essa conquista ocorre na “coisificação” do homem, ou seja, o indivíduo passa a ser mero instrumento a ser manipulado nas mãos do opressor, vazio de sua humanidade. E, considerando que a mesma palavra que liberta também tem o poder de oprimir, parte dessa manipulação ocorre por meio da *mitificação* do mundo (FREIRE, 2020, p. 186-187), em *slogans*, frases prontas de fácil assimilação e repetição, bem como de uma falsa assimilação com a realidade:

[...] O mito de que todos, bastando não ser preguiçosos, podem chegar a ser empresários – mais ainda, o mito de que o homem que vende, pela ruas, gritando: “doce de banana e goiaba” é um empresário tal qual o dono de uma grande fábrica. O mito do direito de todos à educação, quando o número de brasileiros que chegam às escolas primárias do país e o dos que nelas conseguem permanecer é chocantemente irrisório. O mito da igualdade de classe, quando o “sabe com quem está falando?” é ainda uma pergunta dos nossos dias [...] (FREIRE, 2020, 188-189)

Outro ponto debatido na teoria é a necessidade de *dividir para manter a opressão*. Com isso, entende a elite dominadora que a unificação das massas populares é uma forma de enfraquecimento de sua hegemonia e, portanto, uma ameaça de seu poder.

Em simples analogia do que seria essa divisão, suponhamos que uma professora em uma turma do Ensino Fundamental I¹², precisa sair de sala por alguns instantes e coloca um aluno responsável por anotar nomes. O ato por si só já gera medo e conseqüentemente faz com que muitos permaneçam em silêncio até a professora voltar, no entanto, não é incomum que surjam conflitos por uma pequena parcela da classe que pode se sentir injustiçada em algum momento por ter seu nome na lista sem um motivo aparente. Nesse caso hipotético, com relação à professora, tudo permanece quase inalterado: pode ser que ela encontre algum tipo de punição para os que descumpriram a regra de permanecerem em silêncio etc. (como permanecer em sala

¹² Compreendido entre o 1º e 5º anos, para alunos com idade entre 6 e 10 anos (BRASIL, 2018, p. 27).

na hora do intervalo, por exemplo), ou pode ser que nem sequer olhe para a lista, porém, satisfeita de que sua missão de oprimir parte dos alunos, sem esforço próprio, foi cumprida.

A *manipulação* (das massas oprimidas), outro aspecto da ação antidialógica, é se não o mais visível dela, pela qual as elites dominadoras vão tentando conformar as massas populares a seus objetivos (FREIRE, 2020, p. 198). Basta muitas vezes que o oprimido manifeste algum sinal de agressividade, para que a elite dominadora amplie sua forma de manipulação, fazendo-a por meio de pactos que dão a falsa ideia de diálogo entre as massas, anestesiando-as para que não pensem (FREIRE, 2020, p. 199-200).

Um exemplo dessa falsa ideia de diálogo, remonta ao governo de Getúlio Vargas, no qual em um de seus discursos evoca o povo contra os “sabotadores” do governo para que se unissem e, juntamente com ele, para sua manutenção do poder e não para a liberação do povo (FREIRE, 2020, p. 203).

Finalmente, o último ponto da teoria antidialógica, a *invasão cultural* que consiste na imposição da visão de mundo do dominador (invasor) em face do oprimido (invadido), ato que gera por consequência um sentimento de inferioridade do oprimido e a superioridade do opressor, perpetuando assim, a opressão.

3.1.1.1 O exemplo do movimento Escola Sem Partido e o bloqueio ao pensamento crítico

Embora muitos neguem, mesmo diante de fatos comprovados, os horrores pelos quais o Brasil passou no período de 1964 a 1985 na Ditadura Militar (VEIGA, 2022), marcado por forte repressão na qual os indivíduos eram proibidos de usarem a própria voz para se expressar quanto à política.

Não é incomum de se ouvir no dia a dia, mesmo por quem viveu ao longo desses 21 anos que o regime só perseguia “baderneiros”, “arruaceiros”, etc., quem causava e propagava a desordem. Estes que eram vistos como os causadores de problemas, nada mais eram do que aqueles que buscavam se posicionar perante o caos, despertar o povo que ainda se encontrava na ignorância ou inerte perante a situação de corrupção, desequilíbrio, político, econômico e principalmente democrático, chamando-os à vida política para despertar uma consciência coletiva e juntos revolucionar e humanizar a sociedade brasileira. Motivo pelo qual a luta era reprimida, afinal, humanizar segundo o ponto de vista do opressor, é subverter (FREIRE, 2020, p. 63-64).

Com o fim do regime militar e a necessidade de se promulgar uma Constituição que atendesse ao sentimento coletivo de democracia e que fosse cidadã, fez-se uma nova

constituição em 1988, que deu novos contornos à educação. Desse modo, à luz da Constituição Federal, a educação como expressão da democracia é definida nos arts. 205 e 206, que trazem os seguintes termos:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, **será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa**, seu preparo para o **exercício da cidadania** e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;

III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

[...]

(BRASIL, 1988, grifo nosso)

Destaca-se ainda, que a educação está presente no rol dos direitos fundamentais de ordem social, conforme estabelece o art. 6º da CRFB, “São direitos sociais a **educação**, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.” (BRASIL, 1988, grifo nosso).

Cristalino, portanto, a maneira como o texto constitucional estabelece que a educação deverá ser livre, permitindo a participação dos alunos no processo de aprendizado. Com isso, pressupomos que não há método mais incrível para o exercício da democracia que não seja por meio da educação, de modo que uma escola não democrática é uma afronta ao povo. Para além de ser um direito fundamental, a educação é o que constitui a pessoa e pela sua natureza social, deve ter como objetivo reduzir as desigualdades (QUEIROZ, 2018).

Contrariando o sentido de uma educação livre, democrática e com a participação dos alunos, criado em 2004, e com seu primeiro projeto de lei em 2014, o Movimento Escola Sem Partido foi criado com o intuito de promover uma educação nas escolas, de acordo com seus fundadores, livre de uma suposta “doutrinação política, ideológica e partidária” de modo a não usurpar a função dos pais dos alunos na educação moral dos filhos. Ou seja, o movimento dispõe um modelo de uma “educação pura”, com conteúdo ensinados de maneira parcial.

Pela breve definição do que vem a ser esse movimento, já se percebe o quão absurdo ele é as divergências com toda a pedagogia construída por Paulo Freire, mas por outros teóricos e profissionais no campo educacional que vivem a realidade de uma sala de aula e buscam formas de compreendê-la.

A ideia de Escola Sem Partido vai em contramão não apenas ao modelo desenvolvido por Freire, que inclusive serve de referência no mundo todo, mas ao próprio texto da Constituição da República Federativa do Brasil. Como a própria redação do caput do art. 205 coloca, por meio da educação se é possível estabelecer o *exercício* da cidadania.

Aristóteles em *A Política*, definia ser cidadão como o titular de um poder público e que pudesse participara das decisões da *polis*, excluindo-se, porém, mulheres, escravos e estrangeiros (ARISTÓTELES, 1973 apud COSTA; IANNI, 2018, p. 44). Hanna Arendt, por sua vez, concebia o cidadão como membro de uma comunidade, titular de direitos e deveres, além de uma participação ativa nos espaços públicos (ARENDR, 1989; 2011 apud COSTA; IANNI, 2018, p. 47).

Ante às definições acerca do conceito de cidadania, vemos que a educação é o meio fundamental pelo qual um indivíduo pode exercer esse direito. O texto constitucional defende não apenas uma educação por meio da qual se prepara para o exercício da cidadania, mas também coloca ideais como liberdade de aprender e de ensinar, pluralidade de ideais e concepções pedagógicas distintas (BRASIL, 1988). A Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire consiste em um modelo em que há a reafirmação da pluralidade e do diálogo, de modo que, em tese, não há haveria contradição de seu pensamento com o texto da Constituição Federal.

O questionamento a ser feito, portanto, é o porquê o autor é tão atacado por parte do governo atual¹³, tendo em vista que o próprio Direito, por meio da CRFB/1988, conhecida pelo status de “cidadã”, assegura o uma série de direitos e garantias nesse sentido.

A possível resposta para tal questionamento é simples: um povo alienado, sem consciência de sua opressão não possui força para lutar contra ela. A conscientização e aplicação de métodos freireanos contraria a ideia de concentrar o poder nas mãos de um só, ou seja, o Estado¹⁴. Sem luta contra a opressão das minorias, não se constrói direitos. Assim, a ideia de um Estado Democrático *de* Direito mantém apenas sua aparência formal, mas sem materialidade na vida dos indivíduos que constituem a sociedade, ou seja, ainda que o Estado fosse capaz de garantir a educação formal em sua plenitude, não teria a competência de educar, uma vez que educar é libertar.

¹³ WELLE, Deutsche. **Por que a extrema direita elegeu Paulo Freire seu inimigo**. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/por-que-a-extrema-direita-elegeu-paulo-freire-seu-inimigo-dw/>. Acesso em: 21 jul. 2022.

¹⁴ Paulo Freire na Introdução de Pedagogia do Oprimido (2020, p. 31) coloca: “A consciência crítica (dizem) é anárquica”. Tendo em vista que o autor rebate essa ideia em seu texto, infere-se o poder da educação e da conscientização em provocar mudanças, uma vez que o que é visto por anarquia e desordem por parte dos críticos a essa pedagogia, pode ser entendido por nós como a própria prática da liberdade.

Outrossim, é possível afirmar que uma educação libertadora que transforma o indivíduo em sujeito ativo da sociedade (COSTA; COSTA; MELO, 2021), auxilia na construção do próprio Direito.

Para aqueles que defendem e lutam pela democracia, é inconcebível uma educação que não esteja livre de opinião. Cumpre destacar que embora a Constituição Federal assegure uma educação mais inclusiva, mais participativa e livre, sabe-se que não é assim que acontece: no dia a dia, há ainda o emprego de um método tradicional com alunos em filas, o emprego do professor como autoridade máxima, a concepção do educando como “vasilhas” prontas para serem enchidas pelo educador com conteúdos prontos, desconectados da realidade (FREIRE, 2020, p. 79-80), na famosa lógica do “eu finjo que ensino, você finge que aprende, você passa de ano e todos ficam bem”. Afinal, o que vale é o diploma para colocar no currículo, de modo que não faz diferença o que ou o quanto o aluno sabe.

Relaciona-se ao quadro anterior a desvalorização dos professores, principalmente da rede pública de ensino, estadual ou municipal, e o baixo investimento em educação. A desmotivação em inovar o método de aprendizado, faz com que de modo involuntário o educador ao não propor uma educação mais livre acaba que atende aos interesses do próprio Estado.

A Escola sem Partido, se imerge em incoerência e distorções da realidade, uma realidade na qual aqueles que defendem o movimento não se imergem, ou seja, não se propõem a conhecer as vivências dos indivíduos que a compõem.

Como exemplo de incoerência, vejamos o art. 1º do Projeto de Lei nº 7180/2014:

Esta lei disciplina o equilíbrio que deve ser buscado entre a **liberdade de ensinar e a liberdade de aprender**, no âmbito da educação básica, em todos os estabelecimentos de ensino públicos e privados do País” (grifo nosso)

Ante a leitura, percebe-se que há não apenas uma distorção da realidade, mas até mesmo uma distorção denotativa, ao esvaziar o significado de “equilíbrio”, eis a contradição. Para que haja de fato o equilíbrio entre a liberdade de ensinar e a liberdade de aprender, é imprescindível a igualdade.¹⁵

Uma educação, amparada em uma estrutura horizontal na qual o diálogo é palavra de ordem, deve-se haver troca entre professor e aluno, de modo que, em decorrência da pluralidade de personalidades e opiniões, os educandos, criticando a realidade, provável que haverá

¹⁵ No dicionário “Michaelis”, um dos significados para equilíbrio é “proporção harmoniosa; harmonia” (EQUILÍBRIO, 2022).

desconstrução de determinados dogmas e a construção de sua própria opinião, que pode inclusive ir ao mesmo sentido de outra, mas sem imposição.

O equilíbrio entre a vontade de ensinar e a vontade de aprender em uma participação horizontal, como já dito baseada na participação entre aluno e professor. Se o professor muito ensina e o aluno pouco aprende, em parte por não poder questionar acerca do conteúdo, ou se não pode trazer nada em troca para a sala de aula, há na verdade, um desequilíbrio total. Nas palavras do autor:

Na medida em que esta visão “bancária” anula o poder criador dos educandos ou o minimiza, estimulando sua ingenuidade e não sua criticidade, satisfaz aos interesses dos opressores: para estes, o fundamental não é o desnudamento do mundo, a sua transformação. [...] Por isto mesmo é que regem, até instintivamente, contra qualquer tentativa de uma educação estimulante do pensar autêntico, que não se deixa emaranhar pelas visões parciais da realidade, buscando sempre os nexos que prendem um ponto a outro, ou um problema a outro. (FREIRE, 2020, p. 83-84)

Ante o exposto, conclui-se que o Movimento Escola Sem Partido, é “expressão” da teoria antidialógica de educação pela qual os opressores atuam em interesse do Estado, qual seja, o de alienar. Eis que o que busca a não “doutrinação”, doutrina.

3.2 EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE

Reza uma famosa lenda, a do Rei Arthur (BOTELHO, 2018), que ao tornar-se rei após retirar a espada Excalibur de uma pedra, formou uma liga de cavaleiros para proteger a Inglaterra da invasão dos saxões. Com intenção de evitar a hierarquia entre estes cavaleiros e consequentemente promover o senso de igualdade e justiça, cria a tábua redonda, uma espécie de mesa de modo que todas as ideais opiniões tivessem o mesmo peso diante dos outros e do próprio rei¹⁶.

Relaciona-se ao quadro anterior, a existência de projetos sociais em favelas marcadas pela pobreza e violência cotidiana, que buscam o desenvolvimento de talentos de seus moradores e estimula a noção de comunidade uma união¹⁷. Isto posto porque, quando se busca romper a hierarquia mesmo que em apenas parte de uma comunidade como é o caso e se

¹⁶ Acerca desse exemplo, no qual traz em seu escopo a noção de ruptura de hierarquia e consequentemente igualdade entre as partes, verifica-se que nas audiências de mediação, por exemplo, de modo a permitir que as partes se sintam confortáveis e cheguem em um consenso, recomenda-se o uso de uma mesa redonda, propiciando assim, uma maior interação entre elas (MOREIRA, 2020).

¹⁷ Um exemplo desse tipo de movimento pode ser visto na ONG Nós do Morro, fundada em 1986 por Gutí Fraga na comunidade Vidigal, no Rio de Janeiro como modo de desenvolver os talentos dos moradores em um local com acesso à arte restrito. Seu fundador utilizava-se, inclusive, dos métodos de Paulo Freire no que diz respeito principalmente à ideia de síntese cultural (PAULA, 2012, p. 48-49).

estabelece a prevalência do diálogo, os indivíduos que se juntaram e agora, cientes de que podem utilizar a própria voz, conseguem pronunciá-la; logo, pensando no ideal de que todos se juntassem, seria o primeiro passo para o enfraquecimento das arbitrariedades do Estado nesses lugares.

Feita essa breve contextualização, ao passo que a dominação se sustenta por sua inconsciência (força)¹⁸, a libertação implica em um momento consciente e volitivo; ao passo que a educação bancária (dominadora) serve à contradição opressor-oprimido, uma educação problematizadora (libertação) a supera (FREIRE, 2020, p. 95).

A educação libertadora, surge de um impulso inicial conciliador, porém, em que pese vez ou outra nos deparamos com bons educadores dispostos a mudar essa realidade de métodos rígidos de ensino e que, por isso, opressores são duramente atacados, inclusive e principalmente pelos próprios alunos, por vivermos em uma estrutura de poder que nega o diálogo (FREIRE, 2020, p. 86).

A superação da contradição portanto, ocorrerá por meio do debate, pela troca de experiências entre professor e aluno, o diálogo que traz uma derrubada de “argumentos de autoridade”.

3.2.1 Teoria da Ação Dialógica

Ao desenvolver a teoria da ação dialógica, Paulo Freire faz a divisão em algumas categorias/critérios, dentre eles a co-laboração, a união, a organização e a síntese cultural.

A *co-laboração*, se propõe no diálogo entre educador e educando, que visam a transformação do mundo, nas palavras do educador (FREIRE, 2020, p. 227), “Não há, portanto, na teoria dialógica da ação, um sujeito que domina pela conquista e um objeto dominado. Em lugar disto, há sujeitos que se encontram para a pronúncia do mundo, para sua transformação.”

O quefazer dialógico, não impede, todavia, a existência de uma liderança revolucionária, porém esta liderança, ainda que de grande importância, não se configura como proprietária das massas populares muito menos de comandá-las cegamente pois uma vez utilizado desse artifício haveria a repetição de um messianismo salvador, comum às elites dominadoras, não havendo de se falar em libertação (FREIRE, 2020, p. 227-228).

¹⁸ Em Harry Potter, a questão do bem e do mal, do poder é amplamente discutida. Lord Voldemort o almeja a todo custo, desejando uma comunidade formada por bruxos de sangue-puro (com ambos os pais bruxos), marcada pelo medo e opressão. Não é diferente do que pretendia Adolf Hitler, como admitido pela própria autora, J. K. Rowling em entrevistas (BENATTO, 2015).

O diálogo estabelece a co-laboração, logo, não cabe na ação dialógica, lugar para *conquista* das massas aos ideias revolucionários, mas a *adesão* (FREIRE, 2020, p. 228), que se configuraria no caso como uma coincidência livre de opções, uma troca justa em que os indivíduos se construiriam e desconstruiriam e assim, formariam suas bases para contribuírem na mudança de sua realidade e da do mundo.

Na ação dialógica, a liderança se obriga a um esforço de *união* dos oprimidos para a libertação (FREIRE, 2020, p. 234). Enquanto na ação opressora há uma ambiguidade presente no oprimido, de certa instabilidade emocional, marcada pelo medo da liberdade, a união se apresenta como indispensável para uma educação libertadora (FREIRE, 2020, p. 235-236). Essa relação solidária implicaria no caso em uma consciência de classe, devendo ocorrer por meio de uma ação cultural (FREIRE, 2020, p. 239) observada a experiência histórica e existencial dos indivíduos.

Por *organização*, verifica-se que esta é um desdobramento natural da unidade (FREIRE, 2020, p. 240). Nesse sentido, busca-se uma organização no modo com que o indivíduo irá enunciar suas ideias de modo claro, e, ao contrário da ação antidialógica, cuja organização da elite dominadora é de sim mesma, na liderança revolucionária, é dela com as massas populares (FREIRE, 2020, p. 240). Nas palavras de Freire:

A organização das massas populares em classe é o processo no qual a liderança revolucionária, tão proibida quanto estas, de dizer sua palavra, instaura o aprendizado da pronúncia do mundo, aprendizado verdadeiro, por isto, dialógico.

Daí que não possa a liderança dizer sua palavra sozinha, mas com o povo. A liderança que assim não proceda, que insista em impor sua palavra de ordem, não organiza, manipula o povo. Não liberta, nem se liberta, oprime. (FREIRE, 2020, p. 243)

Por fim, na *síntese cultural*, há a concretização da educação como prática da liberdade, assim sendo, nela não há a negação das diferentes visões de mundo, mas um diálogo entre elas. Em que pese a ação cultural esteja a serviço tanto da dominação quanto da libertação dos homens (FREIRE, 2020, p. 245), a ação cultural dialógica busca a desmistificação do mundo e a superação da contradição entre opressor-oprimido. A síntese cultural, portanto, seria uma síntese de saberes, o debate e o modo como os indivíduos ao fazerem da realidade objeto de uma análise crítica, começam a inserindo no processo histórico (FREIRE, 2020, p. 249), em busca, de uma libertação constante.

Feitas as considerações sobre a obra de Paulo Freire, partimos agora para a aplicação das *teorias* na obra de Harry Potter.

4 A EDUCAÇÃO EM HARRY POTTER COMO CONSCIENTIZAÇÃO

Para Paulo Freire, a Pedagogia do Oprimido possui dois momentos distintos, sendo o primeiro, a tomada de consciência e o segundo, a permanente libertação (FREIRE, 2020, p. 57). Nesse sentido, o presente capítulo tem como objetivo uma abordagem em duas partes, em que, no primeiro os estudantes assim como a comunidade bruxa como um todo se encontra dividida entre a veracidade dos fatos face ao que é veiculado passando pelo momento em que os estudantes partindo do conhecimento assumem protagonismo no processo de libertação.

4.1 A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO CAOS NA COMUNIDADE BRUXA E A OPRESSÃO

Em *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, quinto livro da saga, o universo político e jurídico da série ganha mais destaque (VIEIRA, 2019, p. 22) em decorrência de um cenário que está sendo dominado pelo caos. No primeiro capítulo, Harry Potter para defender e si mesmo a seu primo de um ataque de Dementadores, é obrigado a usar magia fora da escola, algo até então proibido por bruxos menores de idade¹⁹ com raras exceções. Em consequência do evento, que fez com que descumprisse o Estatuto do Sigilo da Magia, o Ministério o acusa formalmente ameaçando-o de ser expulso da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. Em audiência, Dumbledore atua em seu favor, conseguindo com certa dificuldade, ante um ministério que estava sendo marcado por corrupção por parte de seus membros, se livrar da acusação e podendo retornar à escola.

Chegando em Hogwarts, descobre que a situação do mundo bruxo se encontra pior do que pensava: ninguém acredita que Lord Voldemort retornou sua forma e com isso, seu poder, muito menos que Harry o viu e o enfrentou pessoalmente. O diretor de Hogwarts e principalmente, o protagonista que afirma ter visto Voldemort retornar, caem, em descrédito: o *Profeta Diário*, jornal de maior circulação no mundo bruxo e intrinsecamente ligado ao governo vigente, se encarregam da função de dizer à toda comunidade que Potter está se valendo de mentiras apenas para manter sua fama ou como um rebelde com o intuito de levar o caos, a ponto de ser declarado pelo próprio Ministério da Magia como o *Indesejado n° 1*.

Nesse contexto, é possível concluir que, antes o Ministério da Magia até o final do quarto livro precisava manter Harry a salvo de uma possível volta de Voldemort, embora negasse a realidade dos fatos, com a suposta volta do antagonista e sendo Potter a única testemunha a presenciar o ocorrido, o Ministério se sente impotente por não ter sido capaz de

¹⁹ Em *Harry Potter*, a maioria se dá a partir dos 17 anos de idade.

impedir que a paz aparente da qual se encontrava a comunidade bruxa fosse rompida, restando apenas manchar a reputação de Harry.

Logo, o poder público não se dá o trabalho de investigar os fatos, temendo que eles se confirmem e que a comunidade bruxa se volte contra o Ministério, uma das medidas adotadas é intervir em Hogwarts colocando para tanto uma importante aliada, Dolores Umbridge, para que ocupasse o cargo de professora Defesa Contra as Artes das Trevas.

A medida, como em todo sistema com características ditatoriais, se dá em face de que a escola é um importante meio de discussão e uma educação de qualidade é pilar fundamental na construção de um pensamento crítico; ademais, Alvo Dumbledore, na função de diretor da escola e um do seu tempo, exerce grande influência entre os bruxos. Percebe-se que no mundo real não ocorre de maneira diferente: quando as instituições perdem o controle, a tendência é justamente essa: criar instrumentos de manipulação sobre o povo na tentativa de manter a sociedade coesa o bastante para evitar novos “ataques” ao poder como manifestações etc.

Dolores Umbridge age em interesse do Estado, impedindo que os alunos ampliem seus conhecimentos, valendo-se de métodos demasiadamente tradicionais e cumprindo fielmente seu papel de educadora “bancária”, conforme definido por Paulo Freire: muita teoria, nenhuma prática e um aluno não pode questionar o método. No trecho abaixo, vemos um exemplo disso:

- E para que vai servir a teoria no mundo real? – perguntou Harry em voz alta, seu punho ergueu mais uma vez no ar.
 - A Prof^a Umbridge ergueu a cabeça.
 - Isto é uma escola, Sr. Potter, não é o mundo real – disse mansamente.
 - Então não devemos nos preparar para o que estará nos aguardando lá fora?
 - Não há nada aguardando lá fora, Sr. Potter
- (ROWLING, 2003, p. 201)

Ante o fragmento, após continuar a defender seu ponto na discussão de que os estudantes devem aprender na prática a lutar contra as artes das trevas e que o mundo bruxo estaria sob a ameaça de Lord Voldemort que retornou e já fez novas vítimas (como Cedrico Diggory, morto ao final do quarto livro), a professora lhe dá uma detenção: escrever repetidas vezes a frase “Não devo contar mentiras” (ROWLING, 2003, p. 219), com uma pena mágica na qual, a medida em que ia escrevendo iam surgindo marcas nas costas de sua mão direita, sendo Dolores Umbridge a única pessoa além do próprio Lord Voldemort a deixar cicatrizes permanentes em Harry, como se fosse possível o aprendizado através do medo e o castigo físico.

Logo, Umbridge vai se mostrando uma excelente profissional aos olhos do Ministério, haja vista que, por meio da professora cumpre com seus propósitos de alienar os alunos e impedir qualquer tipo de manifestação revolucionária dentro da instituição. Diante disso, o

governo a nomeia como Alta Inquisidora de Hogwarts, a primeira da história da escola evidenciando ainda mais a intervenção e despreparo do Ministério.

4.1.1 A Brigada Inquisitorial

Diante do cargo que lhe é imposto, como meio de dar efetividade às suas obrigações, Dolores Umbridge funda então a chamada Brigada Inquisitorial que funciona como um órgão de repressão dentro da própria escola.

Em um dos Decretos instituídos pela Brigada Inquisitorial, consiste em:

POR ORDEM DA ALTA INQUISIDORA DE HOGWARTS

Todas as organizações, sociedades, times, grupos e clubes estudantis estão doravante dissolvidos.

Uma organização, sociedade, um time, grupo ou clube é aqui definido como uma reunião regular de três ou mais estudantes.

A permissão para reorganizá-los deverá ser solicitada à Alta Inquisidora (Prof^a Umbridge).

Nenhuma organização, sociedade, nenhum time, grupo ou clube estudantil poderá existir sem o conhecimento e a aprovação da Alta Inquisidora.

O estudante que tiver organizado ou pertencer a uma organização, sociedade, um time, grupo ou clube não aprovado pela Alta Inquisidora será expulso.

O acima disposto está em conformidade com o Decreto da Educação Número Vinte e Quatro.

*Assinado: Dolores Jane Umbridge,
Alta Inquisidora
(ROWLING, 2003, p. 289)*

Ante o trecho acima, observa-se nitidamente que há uma tentativa de certa criminalização do pensamento crítico: em analogia ao modo. Dolores institui “fiscais” dentre os próprios alunos da instituição para que delatassem qualquer movimentação entendida como “suspeita”. Aplicando a teoria da ação antidialógica de Paulo Freire (2020, p. 190), elementos como a divisão para manter a opressão ficam evidentes no caso descrito, pois o oposto, qual seja, a união e organização são elementos de uma ação libertadora.

Uma característica comum quando se têm um cenário social e político de polarização pois é mais simples ficar do lado de uma figura de autoridade entendida aqui como a opressora,

de modo a manter determinados privilégios do que renunciar a isso pelo desconforto que uma luta revolucionária provoca.

De modo análogo, vemos semelhanças do referido decreto da então Alta Inquisidora de Hogwarts com o que foi estabelecido na Ditadura Militar no Brasil, marcado pela censura:

Art. 5º - A suspensão dos direitos políticos, com base neste Ato, importa, simultaneamente, em:

(...)

III - proibição de atividades ou manifestação sobre assunto de natureza política;

IV - aplicação, quando necessária, das seguintes medidas de segurança:

a) liberdade vigiada;

b) proibição de freqüentar determinados lugares;

c) domicílio determinado.

(...)

(BRASIL, 1968)

Do mesmo modo naquele período de repressão, um dos movimentos que mais ganhou força e relevância no campo para derrubada do regime então vigente, foi o estudantil (SANTOS, 2009, p. 101). Desse modo, podemos observar na contemporaneidade os reflexos do movimento na defesa de melhores condições de ensino, tomando como exemplo, a ocupação nas escolas no Brasil entre 2015 e 2016²⁰.

Essa repressão acontece, pois, de certa forma, o opressor tem consciência da sua opressão e teme que seu poder seja ameaçado, impedindo não apenas que os indivíduos e unam, mas ameaçando que o façam. A educação, e por sua vez, a conscientização do papel do indivíduo na construção de uma sociedade um pouco mais justa é entendida como rebeldia, e a solução acaba sendo mais repressão (FREIRE, 2020, p. 92).

O que podemos observar em Hogwarts na maior parte do tempo, um elemento presente logo no primeiro livro, é uma espécie de “rebeldia” no sentido de transposição de regras. A luta por esse ideal de transformação do mundo não pode existir enquanto existir o conformismo com a realidade; como um exemplo próximo encontramos o direito cujas leis e regras constantes no ordenamento jurídico na perseguição da justiça como um ideal haja vista que a sociedade evolui e os costumes e tradições antes vistos como ideal são colocados em dúvida e/ou abandonados.

Dentre as atribuições de Umbridge, estava contida a de funcionar como um modo de controle externo não somente aos alunos e aos métodos de ensino, mas se estendiam ao próprio

²⁰ Acerca das ocupações nas escolas durante esse período, as pautas defendidas eram em relação à precarização do ensino, incluindo o corte de verbas por parte do Governo Federal, bem como a reforma do ensino médio (VEIGA, 2017).

diretor da instituição, Alvo Dumbledore, que antes controlava tudo e tem sua influência diminuída por ordens do Ministério. A intervenção chega a tal ponto que, no capítulo 27, o Ministério da Magia consegue afastar Dumbledore da escola, promovendo oficialmente Dolores ao cargo de diretora.

Esse tipo abrupto de intervenção, foi uma extensão do que ocorreu no próprio período militar, que para além do conteúdo que era ministrado em sala de aula, rígido e sem margem a questionamentos, mas sabe-se que durante o período, houve o afastamento de professores em escolas e universidades que eram contra o regime, colocando no lugar aliados (BRASIL, 1968) “(...) no combate à subversão de ideologias contrárias às tradições de nosso povo (...).

Percebe-se que, do mesmo modo ocorre na atualidade em que, mesmo em um governo democrático, através de governantes que negam a ditadura ou se mostram simpatizantes dela, colocam em cargos de alta cúpula, no caso em questão, para ocupar a cadeira do Ministério da Educação²¹, gerais, diretamente ligados ao período, sem contar das constantes ameaças que a educação vem enfrentando, como a falta de investimento em infraestrutura de espaços físicos das instituições ou ainda a desvalorização dos professores.

4.2 ARMADA DE DUMBLEDORE: EM DEFESA DE HOGWARTS E DA EDUCAÇÃO

Considerando o desconforto aos alunos de Hogwarts provocado pela presença de Dolores Umbridge, bem como a divisão provocada entre os estudantes acerca de qual verdade era compreendida como a possível de se acreditar, surge a necessidade de que os estudantes da escola, que estavam, conscientes dos acontecimentos mais sombrios no mundo bruxo, ainda que não em sua totalidade, uma alternativa para que apreendessem os conteúdos ministrados na omissão da escola.

Em combate a essa forma de autoritarismo, por ideia da personagem Hermione, tendo em vista as habilidades de Harry como bruxo principalmente acerca da Defesa Contra as Artes das Trevas, de criar uma espécie de organização secreta para a prática de feitiços de combate, ministrados pelo protagonista. Eis que surge a então chamada *Armada de Dumbledore*, cujo nome faz homenagem ao próprio diretor da instituição reconhecido por seus valores ético, morais, bem como por sua empatia. A manutenção do segredo ocorre, atinge o local onde as reuniões são realizadas, qual seja, uma sala conhecida como a “Sala Precisa”, que, por meio de

²¹ Em um caso emblemático, o primeiro Ministro da Educação no Governo Bolsonaro (2019-presente), Ricardo Vélez Rodríguez (janeiro a abril de 2019), requereu que fosse alterado o modo como a Ditadura Militar (1964 – 1985) é trabalhada em sala de aula (MINISTRO... 2022).

encantamentos se revela somente aos bruxos que possuem o real interesse em usufruir desse conhecimento ministrado de forma paralela.

Sem o auxílio de um professor, em termos oficiais, os alunos compartilham seus conhecimentos e, de modo indireto, suas experiências pessoais como os anseios e inseguranças e assumem um protagonismo no ensino pela primeira vez ao longo da série, de modo tão relevante.

Com isso, o espaço que antes, nos quatro livros anteriores se concentrava apenas em Harry e seus amigos, Rony e Hermione, passa a se estender a outros personagens que ganham voz nos livros.

Dentre os personagens que passam a ter notoriedade podemos citar Neville Longbottom, conhecido por sua falta de habilidades como bruxo, mas que com treino e dedicação começa a aprimorar seus conhecimentos na área, começando a alcançar feitos notórios. Além de Longbottom, outra personagem que merece destaque é Luna Lovegood, esta apresentada no quinto volume em si, porém no início é vista como uma personagem apagada, com imaginação fértil ao extremo por parte dos alunos da escola, mas ao longo do livro, revela suas habilidades como excelente bruxa, demonstrando que todas essas diferenças é nada além do que a mantém como especial.

Há nesse momento, a constatação de que em uma situação limítrofe como a que é colocada, os alunos precisam se posicionar de uma forma ou de outra, precisam lutar por um ensino digno e de qualidade; além disso, precisam parar de negar a verdade do modo como é apresentada através dos meios de comunicação no mundo mágico, ou seja, distorcida, algo levado a sério muitas vezes pelos próprios familiares dos alunos, chega-se ao momento da verdade.

Este no caso, é um marco importante, cujos desdobramentos serão fundamentais na vitória do bem contra o mal que marcará o fim da Segunda Guerra Bruxa.

De modo análogo, é possível vislumbrar os primeiros contornos das ideais contidas na obra de Freire (2020, p. 71) de que “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”.

Nota-se que, não é apenas com a Armada de Dumbledore que ganha relevância no que diz respeito às formas de resistência ao Ministério da Magia: *O Pasquim*, uma revista bruxa vista como medíocre até então, é um dos únicos meios de circulação que se contrapõe ao que é dito pelo governo, logo, no meio de tantas informações dúbias, veicula-se a verdade dos fatos.

Diante da criação de um movimento de resistência dentro da escola onde o houve um destaque ao pensamento crítico dos alunos acerca da realidade que o mundo estava enfrentando,

é cabível o questionamento do motivo pelo qual o governo não agiu de modo ético, reconhecendo qualquer equívoco em relação à proteção da comunidade bruxa, e conscientizado os jovens bruxos acerca de seu papel na luta contra Voldemort e seus Comensais, que iria ocorrer de uma forma ou de outra. A resposta consiste no fato de que o Ministério da Magia queria ser o responsável por dar a última palavra, pois isso significava a concentração do poder. Paulo Freire ao propor semelhante questionamento traz:

Por que não fenecem as elites dominadoras ao não pensarem *com* as massas? Exatamente porque estas são o seu contrário antagônico, a sua “razão”, na afirmação de Hegel, já citada. Pensar *com* elas seria a superação da contradição. Pensar *com* elas significaria já não dominar. (FREIRE, 2020, p. 177)

O fato que concretiza o afastamento de Dumbledore da escola é a descoberta da existência da Armada: ao ser acusado de “desviar” os estudantes, o diretor estrategicamente – levando em conta inclusive o fato do nome ser Armada *de* Dumbledore – assume a responsabilidade pela existência do movimento com a intenção de proteger os alunos de sofrerem uma punição individualmente, incluindo serem expulsos de Hogwarts, além de entender que é o momento de que assumam um protagonismo dali em diante.

Pouco depois do afastamento de Dumbledore ocorre uma batalha nas dependências do Ministério da Magia, e, após a morte do padrinho de Harry, Sirius Black, Harry descobre que o motivo pelo qual Voldemort tentara matá-lo catorze anos antes: foi feita uma profecia pela bruxa e professora de Adivinhação em Hogwarts, Sibila Trelawney, cujo teor previa a derrota dele pelas através de Harry. Quando Dumbledore o diz a verdade e que ele teria que enfrentar o seu maior inimigo um dia, se sente revoltado por ter sido apartado da verdade e, em reação a essa descoberta quebra o escritório do diretor, em um ato que demonstra que o mesmo jovem visto como herói por todos, é um ser dotado de fraquezas, volátil, mortal.

No último capítulo do quinto livro da série, após o confronto às claras entre Dumbledore e Voldemort no Ministério da Magia, o fato de que o vilão voltou de fato se torna público, inocentando-o de vez de tudo aquilo que estava sendo acusado por parte da sociedade bruxa.

Com isso, todos com suas posições evidentes. Afinal, nas palavras de Freire (2020, p. 53), “Inserção crítica e ação já são a mesma coisa”, ou seja, todos que estão do lado correto precisarão resistir ao seu modo, pois se iniciou a Segunda Guerra Bruxa.

4.3 A LUTA NA SEGUNDA GUERRA BRUXA E A LIBERTAÇÃO DO OPRIMIDO

Em que pese, o mundo bruxo passa a ficar cada vez mais sombrio, agora, cientes de que o Lorde das Trevas retornou e planeja dominá-lo, a luta contra as opressões adquire maior impacto. De modo geral, ao longo do quinto volume da série, os juízos dos estudantes bem como os da comunidade bruxa foram se aperfeiçoando; os posicionamentos, escolhas e alianças já foram feitos, de modo geral. Logo, cabe aos bruxos que escolheu o lado do bem, a destruição do opressor e libertação da comunidade bruxa, lutarem.

Em *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*, o protagonista, já ciente do verdadeiro motivo pelo qual Voldemort deseja destruí-lo, precisa realizar uma das maiores escolhas de sua vida, qual seja se incumbir da missão de matar Lord Voldemort. Quando surgem rumores na comunidade bruxa de que Harry é o “Eleito”, ou seja, o que será responsável por dar fim à guerra bruxa, de início ele reluta em aceitar esse rótulo, por entender que se é muito mais do que mais um rótulo ou de mais uma missão, que dentre tantas que já enfrentou, esta desde que bem executada lhe traria ainda mais glória.

No entanto, Harry aceita ser o Eleito, não pelo rótulo, pela fama, nem mesmo pela profecia já mencionada, feita por Sibila Trelawney, mas por entender que a sua luta não era individual, mas coletiva, haja vista que se todos os elementos indicavam que seria ele o responsável pela aniquilação de Lord Voldemort e garantir a libertação do mundo bruxo da opressão, só seria o possível a partir do ponto em que tomasse para a si a coragem de ser o líder de uma revolução.

Paulo Freire afirma que: “Esta busca do ser mais, porém, não pode realiza-se no isolamento, no individualismo, mas na comunhão, na solidariedade dos existires” (2020, p. 105). Essa solidariedade relaciona-se à ideia de adesão, ou seja, quando os oprimidos ao reconhecer a opressão e a necessidade de se libertar, adere ao movimento revolucionário espontaneamente, o que não se confunde com opressão haja vista que nesta, existe imposição.

Harry então se prepara para a guerra ao enveredar em uma jornada solitária para descobrir mais acerca do passado de seu inimigo. Porém, a grande virada na vida do bruxo, ocorre com a morte de Dumbledore através de Snape: diante do cenário com a guerra avançando exponencialmente e sem a proteção do diretor, ele decide não frequentar a escola para o sétimo e último ano letivo, sendo acompanhado por Rony e Hermione, dando sequência a um plano de aniquilarem Voldemort.

No início de *Harry Potter e as Relíquias da Morte* então, ocorre a ascensão do Lorde das Trevas: sem precisar se esconder e com a morte de Dumbledore, o que representa a

desproteção de Potter, têm o plano de tomar o poder da comunidade bruxa, transformando-a em uma raça pura. Ocorre então a queda do Ministro da Magia, Cornélio Fudge e a instituição de uma ditadura.

Nesse cenário, ressalta-se ainda, o aumento da censura quanto às estações de rádio que passam a ser controladas pelo Ministério, bem como ao Profeta Diário que deixa de ser apenas influenciado, mas também controlado inteiramente pelo governo. Em contraposição, para além d'O Pasquim que ganha mais destaque, se tornando peça mais restrita haja vista o risco de que os seus leitores sejam punidos ao ler seu conteúdo, surge uma rádio clandestina intitulada *Observatório Potter*, para passar as informações mais precisas e de teor crítico acerca dos reais acontecimentos no mundo da magia; ademais, como diz o próprio nome da rádio, o apoio ao protagonista, o Eleito para a derrota de Voldemort, fica evidente.

4.3.1 A Batalha de Hogwarts

Quando Harry juntamente com seus amigos conseguem reunir informações suficientes de como derrotar o Lorde das Trevas e os Comensais da Morte, após um longo percurso no último volume da série, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, partem para Hogwarts com o intuito inicial de procurar um objeto, o Diadema de Ravenclaw²², uma das sete Horcruxes²³ criadas por Voldemort.

A entrada na escola ocorre ao atravessarem um espelho, que cumpre a função de um portal. No instante em que os outros estudantes, aliados de Harry, tomam conhecimento de que o trio está no castelo, comemoram o fato e se sentem esperançosos de que o fim da opressão pela qual o mundo bruxo vem enfrentando está próximo. Logo, decidem auxiliar na missão, muito embora Potter resista em um primeiro momento, supondo em vista os riscos dos quais os demais estudantes estavam submetidos, no entanto, uma vez que a libertação conforme afirma Paulo Freire, só pode haver de forma coletiva e que não haveria outro modo senão permitir ajuda de outros, o protagonista acaba cedendo.

Com isso, podemos ver que, das sementes plantadas no decorrer do quinto livro, há os frutos colhidos no que tange aos ideais de resistência, como pode ser visto em uma das falas de um dos personagens: “- Nós somos a Armada dele – insistiu Neville. – A Armada de

²² Rowena Ravenclaw é uma das bruxas fundadoras de Hogwarts, responsável por dar nome à casa Corvinal.

²³ Horcrux na série é um tipo de magia das trevas, definida como a divisão da alma de um bruxo. No processo de divisão da alma, parte dela geralmente é colocada em um objeto de grande valor sentimental para o dono.

Dumbledore. Estivemos todos unidos nisso, temos continuado a resistir enquanto vocês três estiveram lá fora sozinhos...” (ROWLING, 2007, p. 422).

No decurso do embate, feitiços de proteção são lançados no entorno da escola, porém são insuficientes diante das investidas dos Comensais da Morte, demonstrando que aquele lugar até então tido como um dos mais seguros para os jovens bruxos para além do que Umbridge já havia feito dois anos antes no sentido de censura e que na atual gestão de Snape como diretor, voltara a se repetir, mas o espaço físico estava sendo atacado. Sendo assim, temos a simbologia de que uma desconstrução era necessária para que construção pudesse acontecer, que tudo que separava a comunidade bruxa estava começando a ser destruído em prol de uma libertação responsável pela reconstrução de uma sociedade após a guerra.

Concebendo a ideia de revolução como sendo um processo libertador (SILVA; OLIVEIRA, 2017, p. 40), a sociedade bruxa precisaria após o confronto, rever seus valores no que se refere a uma tradição rígida e à discriminação em função de quem não era parte dos chamados *sangue-puros*.

A importância da escolha de Hogwarts como cenário para a batalha final ocorre pelo fato de que, tanto Voldemort, quanto Harry, embora lutassem de lados opostos, possuíam origens parecidas principalmente quanto à descendência (Harry fruto da união entre um bruxo de sangue-puro com uma bruxa nascida trouxa; Voldemort por sua vez, da união entre uma bruxa com um trouxa), à orfandade e por terem tido Hogwarts como espécie de refúgio.

O que faz da escola, o cenário para esse confronto é a atribuição de sentido que cada um deu ao local, ou seja, enquanto Voldemort movido por vaidade, buscava no conhecimento uma forma de busca pelo poder, imortalidade e opressão, Harry se valia do conhecimento como maneira de decodificação e compreensão do mundo, muito caro ao desenvolvimento da empatia que fez com que se tornasse o centro de uma revolução na história.

Após o desgaste decorrente da batalha enfrentada, estudantes gravemente feridos, mortes, bem como descobertas relevantes após a morte de Severo Snape, por Voldemort, Harry toma para si todo o sofrimento e entende como a melhor escolha a ser tomada, o sacrifício, indo à Floresta Proibida para “morrer” em prol da coletividade.

No entanto, ao enfrentar Voldemort, no estágio entre a vida e a morte tem um encontro com Dumbledore, diretor de Hogwarts já falecido.

No documentário *J. K. Rowling: A Year in the Life* (J. K... 2007), a autora da série afirma que havia a possibilidade de que o personagem morresse, pois de qualquer forma manteria a posição de um herói na história; no entanto, a opção foi a de um Harry Potter que, com coragem, escolhesse enfrentar seu rival de igual para igual.

Quando Harry têm essa segunda chance, a Batalha recomeça e, finalmente, Voldemort é morto, colocando fim à guerra e a opressão impostas pelo bruxo das trevas.

4.3.2 A linha tênue entre oprimidos e opressores

A Paulo Freire se atribui a afirmação de que quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é se tornar o opressor (GUIRALDELLI; CORAZZA, 2022).

No que diz respeito à conduta de determinados personagens frutos de uma educação não libertadora, há uma linha tênue que separa opressor de oprimido, como se houvesse um círculo vicioso no qual o oprimido passa a oprimir, tornando-se o opressor. Nesse contexto marcado pelo paradoxo, deve-se dar destaque a alguns personagens, dentre eles, Draco Malfoy e Severo Snape.

4.3.2.1 *Draco Malfoy*

Inimigo de Harry e de seus amigos, no decorrer do sexto livro começa a demonstrar traços de fraqueza, quando lhe é incumbida a tarefa de matar Alvo Dumbledore e não consegue executá-la de modo que Snape a realiza em seu lugar. Importa ressaltar que desde o início não demonstra o real interesse em executar essa missão tão cruel, no entanto se vê coagido por seu pai e outros Comensais da Morte para realização de tal feito.

Com isso, é possível entender com muito mais clareza quem é Draco Malfoy e seu contexto familiar. De família bruxa tradicional formada exclusivamente por bruxos de linhagem “pura”, não teria ele a vontade de adquirir uma humanidade e se libertar do contexto opressor em que vivia, no caso, o de uma família que replicava os ensinamentos ultrapassados de uma sociedade preconceituosa.

No entanto, verifica-se que apesar disso Malfoy é alvo de afeto por parte de seus pais que temem pelo futuro do jovem, uma vez que eles mesmos como percebe-se em determinadas passagens nos livros, apenas mantém o status de Comensais da Morte por medo. Nesse contexto, surge a necessidade de conferir ao personagem uma proteção extra temendo que Draco se tornasse tão perigoso quanto os pais.

Com o fracasso na missão de matar Voldemort, fica implícito na história o início de um processo de redenção do personagem. A redenção de Malfoy ao final, se torna evidente quanto, terminada a Batalha de Hogwarts, ele, juntamente com seus pais, foge do castelo em um ato simbólico de que estavam deixando a magia das trevas.

A história, porém, deixa em aberto o destino de Draco no que diz respeito a essa libertação. Provável que determinados comportamentos não tenham ido embora efetivamente haja vista que se relacionam intimamente com sua personalidade. Porém, impactado negativamente pela guerra e suas ideologias.

A lição que fica, no entanto, é a de que no momento de sua suposta libertação, Draco acabou por libertar os opressores (FREIRE, 2020, p. 60), que embora não sejam diretamente os opressores dele, replicam o ódio e a intolerância atrasando a luta democrática.

4.3.2.2 Severo Snape

Um outro caso emblemático a ser analisado diz respeito ao personagem Severo Snape, professor de Hogwarts responsável pela disciplina de Poções. Na história, o personagem em questão não vê Harry com bons olhos. Ademais, é possível ver seu nível de autoritarismo. Todos os personagens são atacados, tais como Hermione, conhecida por ser a mais inteligente da turma e, de modo oposto, Neville, já mencionado anteriormente.

No meio da Batalha de Hogwarts, ocorre a morte de Snape que é presenciada de longe por Harry. Ao se aproximar do corpo do professor, este em seus últimos segundos de vida lhe dá um frasco que contém suas lembranças, o qual resolve ir à sala da direção de Hogwarts onde tem uma *Penseira*²⁴.

Ao ter acesso às lembranças de Severo Snape, é revelado ao protagonista e ao leitor que o professor conheceu sua mãe, Lilian, desde a infância e nutria sentimentos amorosos por ela e que, por ressentimento por ter se juntado à magia das trevas, atuando como Comensal da Morte e contribuindo indiretamente para a morte dos pais de Potter, estava o tempo todo aliado à Dumbledore na proteção de Harry; o sentimento negativo que Snape sentia pelo garoto se dava em face de um dia ter sido rejeitado por Lilian. É descoberto ainda que a morte de Dumbledore tinha sido parte de um plano para que Harry pudesse cumprir sua missão.

Nota-se que, a ideia trazida pela morte de Dumbledore é o sacrifício. Essa noção é a que está arraigada no imaginário popular quando se pensa em um professor ideal; isso fica evidente nos casos em que professores salvam crianças em incêndios nas escolas²⁵, por exemplo. Dumbledore se sacrificou, dentre outras coisas, por acreditar que seu objetivo para com Harry de prepará-lo para uma luta contra Lord Voldemort, já tinha sido cumprida.

²⁴ Na série, *Penseira* trata-se de um artefato mágico semelhante uma bacia, utilizado para revisar memórias.

²⁵ Em um caso que comoveu o país em 2017, a professora Heley Abreu lutou contra incendiário retirando alunos pela janela de uma escola. Com cerca de 90 % de seu corpo queimado, veio a óbito (PIRES, 2017).

No que tange à construção de Snape enquanto personagem, o que se coloca é um personagem rejeitado por todos desde a infância, oprimido por um sistema intolerante que desprezava as minorias sociais bruxas, acabou tomando para si a figura do opressor. Para Paulo Freire (2020, p. 209):

Crianças deformadas num ambiente de desamor, opressivo, frustradas na sua potência, como diria Fromm, se não conseguem, na juventude, endereçar-se no sentido da rebelião autêntica, ou se acomodam numa demissão total do seu querer, alienados à autoridade e aos mitos de que lança mão esta autoridade para formá-las, ou poderão vir a assumir formas de ação destrutiva.

Nas últimas páginas da série, o que humaniza o personagem Snape, que fora deformado por padrões rígidos (FREIRE, 2020, p. 209), é que, movido por ressentimento, acabou se afeiçoando ao garoto conferindo-lhe proteção como uma missão de vida. Considerando que publicamente tinha escolhido o lado do opressor, Voldemort, temos então, um *amor* como ato de coragem, que desempenha um papel na transformação do mundo e libertação dos homens (FREIRE, 2020, p.241). No capítulo “A história do Príncipe”:

Da ponta de sua varinha irrompeu a corça prateada: ela pousou, correu pelo soalho do gabinete e saiu voando pela janela. Dumbledore observou-a se afastando pelos ares e, quando seu brilho prateado se dissipou, ele se dirigiu a Snape e seus olhos estavam cheios de lágrimas.

- Depois de todo esse tempo?

- Sempre – respondeu Snape. (ROWLING, 2007, p. 501)

Ante o exposto, conclui-se que com todas as suas contradições, Snape atuou mesmo que indiretamente nos interesses da comunidade bruxa.

4.4 HARRY POTTER: UM LÍDER REVOLUCIONÁRIO?

Embora tenhamos em Harry Potter um sistema tradicional e ainda conservador por parte da sociedade e do Ministério da Magia que exerce um poder negativo sobre a coletividade, infere-se que no que tange ao ensino, os professores exercem nos seus alunos uma influência em geral, positiva.

Podemos tomar como exemplo de educadores humanistas, algumas destas características em Remo Lupin, professor de Defesa Contra as Artes das Trevas no terceiro ano, que se preocupou em entender o medo de Harry em relação aos Dementadores e como lutar contra eles por meio do feitiço conhecido como Patrono; podemos colocar, ainda, o próprio Dumbledore pela postura firme e equilibrada ao adequar regras diante de situações adversas,

servindo de um mentor para Harry, mantendo certo distanciamento para que tomasse decisões por si mesmo.

Potter acaba que em determinado momento, entende seu papel e que pode auxiliar a todos a lutarem por seus ideais; um educando que passa a educar, servindo de referência e inspiração, encorajando outros estudantes assim como foram com ele, contrariando a lógica opressora que (FREIRE, 2020, p. 235) “(...) ao dualizar o *eu* do oprimido, ao fazê-lo ambíguo, emocionalmente instável, temeroso da liberdade, facilita a ação divisória do dominador nas mesmas proporções em que dificulta a ação unificadora indispensável à prática libertadora.”

Paulo Freire aponta ainda que (2020, p. 168): “Não é possível à liderança tomar os oprimidos como meros fazedores ou executores de suas determinações”. Com isso, percebe-se que, Harry ao criar a Armada de Dumbledore, busca para além de ensinar um conjunto de feitiços de defesa, que os membros do grupo tomem consciência e assim, conscientizem outros para que lutem contra o sistema opressor sempre que necessário.

Na construção do percurso de se pensar a educação a partir da série *Harry Potter*, pode-se perceber que se antes o protagonista era considerado um herói sem ao menos ter tido escolha, agora pode ser visto (para além do *herói*) como um educador. Por educador, é possível inferir de acordo com a leitura da Pedagogia do Oprimido, que ele é além de um educador um líder revolucionário, haja vista que ele busca conscientizar os estudantes de Hogwarts da volta de Voldemort e instigando-os à união para libertação (FREIRE, 2020, p. 234).

Vencida a guerra contra Lord Voldemort, em meio à euforia da escola e ao momento de glória, Harry que agora em tese passa a ser um bruxo ainda mais poderoso do que antes, haja vista que concluiu sua missão ao derrotar o seu inimigo – desta vez, definitivamente – ao visitar a sala dos diretores de Hogwarts e conversar com o quadro de Dumbledore, ele (Harry) que conseguiu reunir as três Relíquias da Morte²⁶, escolhe por devolver a Varinha das Varinhas ao seu legítimo dono. Em uma das frases mais impactantes de toda a série, Harry faz uma afirmação importante:

A varinha não vale a confusão que provoca - respondeu Harry. - Sinceramente - deu as costas aos retratos, pensando na cama de dossel à sua espera na Torre da Grifinória, e imaginando se Monstro lhe levaria um sanduíche lá em cima -, já tive problemas suficientes para a vida inteira. (ROWLING, 2007, p. 544)

²⁶ Na história, as Relíquias da Morte, vêm do Conto dos Três Irmãos, presente no capítulo 21 do sétimo livro da série. De acordo com o conto, a “Morte” teve um encontro com eles – os irmãos, deixando-lhes três objetos mágicos, com o objetivo de driblarem a morte: a Varinha das Varinhas, a Capa da Invisibilidade e a Pedra da Ressurreição.

Nesse contexto, quando Harry afirma que “a varinha não vale a confusão que provoca”, o sentido da afirmação não se refere apenas à Varinha das Varinhas, artefato de grande poder, mas ao próprio poder, cuja busca não valia a confusão. Não faria utilizar o seu poder, oprimindo para libertar, pois uma revolução libertadora não comporta esse artifício.

Nas palavras de Dumbledore em uma aparição²⁷ no penúltimo capítulo do sétimo livro ele afirma:

[...] É uma coisa curiosa, Harry, mas talvez os que têm maior talento para o poder sejam os que nunca o buscaram. Pessoas, como você, a quem empurram a liderança e que aceitam o manto do poder porque devem, e descobrem, para sua surpresa, que lhes cai bem. (ROWLING, 2007, p. 522)

A frase pode ser entendida por si só, mas para ficar mais claro, quer dizer que a pessoa mais talentosa para o poder é Harry, mas que não o utiliza por entender que não funciona por si só uma vez que o poder pelo poder é opressão, mas entende que importante é lutar por justiça e igualdade. E é isso que o torna tão talentoso, seja para o poder, seja como bruxo, motivo pelo qual ele *é sim* o protagonista da história.

Retomando o conceito inicial de *formação* contido no presente trabalho, temos no final, um indivíduo que é formado a partir de suas próprias vivências e que, considerando sua humanidade, pode formar outros indivíduos.

Ocorre que, muito embora contenha grandes elementos que o coloquem nessa posição, Harry talvez em nenhum momento tenha se entendido como líder de uma revolução tampouco se colocado como tal, afinal ele só queria ser *apenas* Harry, e isso é tudo que importa.

²⁷ Ao ir de encontro do Lorde das Trevas na Floresta Proibida para se sacrificar em nome da coletividade, quando é atingido por um feitiço lançado por Voldemort e fica no estado “entre a vida e a morte”, Harry tem uma visão em que encontra Dumbledore, já falecido e ambos travam uma conversa, cujo teor é fundamental para que Potter conclua sua missão, qual seja, a de matar Voldemort e libertar a comunidade bruxa da tirania que estava sendo imposta.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo mostrar a importância da educação na luta contra as opressões.

É possível afirmar que vivemos em um sistema de ensino que ao invés de cumprir sua função principal de ensinar, se revela na maior parte do tempo, ainda, castrador, desvalorizando as potencialidades dos alunos, seja enquanto educandos, seja no sentido de desumanização. Desse modo, torna-se palco para que governos se valham dessa ideia como no caso de programas propostos em âmbito estadual ou federal para que alunos possam escolher apenas o que desejam estudar no ensino médio, por exemplo. A crítica que é feita a esses projetos e que, de certa maneira é bastante pertinente consiste no fato de que por tais ações não se voltam para o bem estar ou aprendizado pleno do estudante, mas parte de uma lógica de diminuição de custos e, conseqüentemente, o aumento no desmonte à educação, bem como um modo de suprimir um maior acesso a esses conhecimentos, colocando-os na ignorância, elemento indispensável para que o indivíduo não assuma sua posição de cidadão ao questionar o próprio governo.

Porém, no mesmo sentido, percebe-se que o sistema de ensino vigente, não abarca todas essas potencialidades e multiplicidades existentes, seja de opinião, raça, gênero, orientação sexual, socioeconômica etc.

Ao abordarmos uma temática envolvendo *Harry Potter*, deve se ter em mente que a história se inicia uma promessa:

Ele vai ser famoso, uma lenda. Eu não me surpreenderia se o dia de hoje ficasse conhecido no futuro como o dia de Harry Potter. Vão escrever livros sobre Harry. Todas as crianças no nosso mundo vão conhecer o nome dele! (ROWLING, 2000, p. 15)

Logo, enquanto romance de formação, pode assim ser considerado não apenas por todo a jornada do herói, mas como já mencionado anteriormente, que para além de mostrar os aprendizados trazidos a partir da ótica do protagonista, forma também o leitor. O que diferencia Harry Potter de outros heróis da literatura infanto juvenil, é seu caráter de ir além do herói. De forma natural, tem consciência o tempo todo de sua imperfeição e se coloca o tempo todo na condição de humano.

Essa ideia corrobora para o fato de que mesmo após vinte e cinco anos do lançamento do primeiro livro, *Harry Potter* ainda instiga discussões acerca de diferentes pontos da história.

Não é estranho que nos últimos tempos, o modo como a história pode ter sido criada pela autora têm ganhado relevância.

Chegamos em um mundo anterior a nós mesmos, com seus costumes e tradições pré-definidos, cabendo a nós aceitá-lo ou transformá-lo. A construção de um universo mágico, uma trama envolvente e função da magia na obra desperta em nós leitores o desejo de moldar o mundo da maneira como o desejamos, e com isso, como já mencionado, o romance de formação também nos *forma*. A coletividade de leitores da saga que por meio dela se sentiram de alguma forma livres para serem quem desejam ser, sem rótulos que os oprimem assumem seu papel de protagonismo.

Para isso, não precisamos que uma luta tal qual foi a na Segunda Guerra Bruxa aconteça, uma vez que a luta de verdade contra as opressões ocorre no dia a dia, dentro das relações de ensino, familiares, no trabalho etc.; a luta está no modo como nos posicionamos individualmente e na união dos existires.

Pensando em Hogwarts, às diferenças entre as casas são colocadas de lado quando o objetivo é o bem comum: a coragem (Grifinória), inteligência (Corvinal), ambição (Sonserina) e amizade (Lufa-lufa), nesse momento não tem força sozinha, mas em conjunto.

É inconcebível que a mudança na sociedade se faça sem que coloquemos às claras nosso ponto de vista acerca do mundo em que vivemos, que tenhamos censurados nossos direitos mesmo vivendo em uma democracia que, por vezes, se mostra questionável.

No campo político, por exemplo, não se pode evocar em campanhas políticas um voto *consciente*, pois a consciência política só pode existir com o debate, quando todos conseguem expor com suas limitações seus problemas. Cercear um debate político e evocar o povo e a democracia somente a cada quatro anos, em época de eleições, por meio da *sloganização* (FREIRE, 2020, p. 228), é também uma forma de opressão. Democracia não existe apenas na urna eletrônica, o voto é apenas uma expressão dela, que por si só (o voto) não possui força para mudar a sociedade, desde que seja *consciente* – uma consciência que não pode existir individualmente, mas coletivamente.

Que tipo de consciência se espera em um voto se não há esforço algum para que haja essa consciência. Consciência pressupõe mudança e mudança não agrada o opressor.

A questão maior é que talvez não importe quem seja o líder revolucionário se o Estado continuará sendo opressor haja vista que ele, o Estado, tenha sido uma de nossas maiores criações enquanto espécie humana, o que demonstra a competência de nossa racionalidade do qual não se pode superar.

Na lógica do “*Bom mesmo era antigamente*”, deve-se ter em mente que a Educação é muito mais do que ficar em fila, hastear a bandeira nacional, colocar a mão no peito, cantar o hino, pois de nada adianta tudo isso se o aluno sai da escola sem aprender o que se esconde por trás dos símbolos, e sem criticar a si mesmo, seu papel na sociedade e como transformá-la conforme entoada nos versos, em um Brasil no qual possamos nos orgulhar.

Não se pode defender o Direito sem o mínimo de sensibilidade; não se pode defender a justiça se não olharmos atentamente para o próximo sem o exercício de alteridade, impondo a nossa realidade, o nosso olhar para o outro achando que todos possuem a mesma origem e as mesmas condições.

Por que então, não podemos olharmos o Direito sob a perspectiva do *amor*? Nenhum sacrifício vale a pena se não for por ele. Só ele constrói, só ele vence. Somente o olhar de amor pelo próximo é capaz de construir a justiça que o mundo precisa.

É pelo amor ao próximo e somente por ele que deve surgir a vontade de lutar pelas opressões; ele, que assim como a Harry Potter, nos deixa marcas indeléveis.

A opressão aqui abordada foi em especial no âmbito da educação formal, das escolas, e seus reflexos na sociedade política, e a relevância de uma educação democrática na construção da democracia, porém a opressão existe apenas nesse âmbito educacional, tampouco surge nele. Nos lares, por exemplo, considerando que a família é o nosso primeiro núcleo social, é crucial para se entender a importância de uma educação libertadora, tendo em vista que nele pode ocorrer primeira tentativa de opressão.

Devemos ter em mente, no entanto que, nenhuma mudança é fácil, muito menos confortável. Nas palavras de Paulo Freire amar exige coragem (FREIRE, 2020, p. 111), a mesma coragem que fez com que a mãe de Harry se sacrificasse para salvá-lo, a mesma coragem que devemos ter para deixar nossa zona de conforto, lutando contra o opressor, se quisermos de fato, realizar a mudança na sociedade.

Por meio da literatura, de uma linguagem mais subjetiva, buscou-se ilustrar os impactos que tem a repressão bem como da conscientização, desse modo, que sirva como instrumento de estudo para exemplificar a razão de uma educação crítica na sociedade. Na verdade, o tema vai justamente na contramão de tudo que é repassado nas instituições. Sem democracia e liberdade jamais seria possível falar sobre literatura e Direito, muito menos sobre Harry Potter, dada sua temática libertadora em um texto acadêmico por exemplo.

Fato é que, assim como em Harry Potter, as instituições de poder permanecerão, as instituições e sua burocracia também, logo, sempre surgirão no meio delas e no meio do povo aqueles que se erguerão para oprimir, se valendo da lógica defendida por Voldemort no

primeiro filme “Não existe bem nem mal, só existe o poder, e aqueles que são demasiado fracos para o desejarem”. Porém como defende Freire, a libertação deve ser constante, que necessita da consciência do povo, que somente será exercida por meio de uma educação libertadora.

Com isso, pensar em como essa problemática pode ser superada, toca diretamente no aspecto de uma transposição por parte do próprio educador, entendido aqui como uma figura para além do professor ou diretor entre outros de uma instituição de ensino, mas em sentido de formador de um cidadão de participação ativa na sociedade e na política, que terá a incumbência de aplicar os métodos da pedagogia de Paulo Freire, em uma ação dialógica de aprendizado constante.

Assim, seremos muito mais do que meros instrumentos de lavagem cerebral²⁸, mas indivíduos que conscientes, se apresentarão como *formadores* de opinião.

²⁸ Nas palavras da canção de Pink Floyd: *Another Brick In The Wall (Pt. 2)*.

REFERÊNCIAS

- BENATTO, Ingrid Caroline. **Lord Voldemort e Adolf Hitler: retratos do mal**. 2015. 58 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2015.
- BOTELHO, José Francisco. **As histórias da Távola Redonda**. 2018. Disponível em: <http://super.abril.com.br/historia/tavola-redonda/>. Acesso em: 22 jul. 2022.
- BRASIL. **Ato Institucional Nº 5**. Brasília, DF, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-05-68.htm. Acesso em: 14 jul. 2022.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 06 mar. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- COSTA, M.I.S.; IANNI, A.M.Z. **O conceito de cidadania**. In: *Individualização, cidadania e inclusão na sociedade contemporânea: uma análise teórica* [online]. São Bernardo do Campo, SP: Editora UFABC, 2018, pp. 43-73. ISBN: 978-85-68576-95-3.
- COSTA, Juliana Cristina; COSTA, Valdirene; MELO, André Luis de Andrade. Paulo Freire, o direito à educação como prática emancipatória e a identidade da educação infantil. **Filosofia e Educação**, Campinas, v. 13, n. 2, p. 2357-2384, 14 out. 2021. Universidade Estadual de Campinas. <http://dx.doi.org/10.20396/rfe.v13i2.8665842>.
- DRECHSEL, Denise. **Um pouco de história: como era a educação brasileira há 100 anos Leia mais em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/um-pouco-de-historia-como-era-a-educacao-brasileira-ha-100-anos/> Copyright © 2022, Gazeta do Povo. Todos os direitos reservados**. 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/um-pouco-de-historia-como-era-a-educacao-brasileira-ha-100-anos/>. Acesso em: 15 jul. 2022.
- DICKENS, Charles. **David Copperfield**. São Paulo: Cosac Naify, 2014. 1312 p. Tradução: José Rubens Siqueira.
- EQUILÍBRIO. In: DICIO, Dicionário Michaelis. Melhoramentos, 2022. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=equilibrio>>. Acesso em: 22/07/2022.
- FIORI, Ernani Maria. Prefácio: aprender a dizer a sua palavra. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 75. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020. p. 11-30.
- FRANCISCO, Beatriz Masson. **Leitores e leituras de Harry Potter**. 2019. 118 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 75. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020. 256 p.

GUIRALDELLI, Marina; CORAZZA, Sophia. **O que é uma “educação libertadora?”**. Disponível em: <https://averdade.org.br/2022/02/o-que-e-uma-educacao-libertadora/>. Acesso em: 21 jul. 2022.

J.K. Rowling: *A Year in the Life*. Direção de James Runcie. Reino Unido: Independent Television (Itv), 2007. (50 min.), color. Documentário.

LEÃO, Marianna Xavier. **Harry Potter e a dinâmica social**: um estudo sobre como as raças e classes são representadas e trabalhadas ao longo da trama. 2014. 82 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

MADEIRA, Izabela Garcia Fonseca. **Manifestações culturais na ditadura militar**. 2019. 32 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em História e Cultura no Brasil Contemporâneo, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

MINISTRO promete mudar livros didáticos por “visão mais ampla” da ditadura. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/04/politica/1554334968_202816.html. Acesso em: 21 jul. 2022.

MOREIRA, Elen. **A Sessão de Mediação: Organização do Ambiente**. 2020. Disponível em: <https://direitoreal.com.br/artigos/a-sessao-de-mediacao-organizacao-do-ambiente>. Acesso em: 21 jul. 2022.

OBAMA, Michelle. **Minha história**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018. 464 p.

OPRESSÃO. *In*: DICIO, Dicionário Michaelis. Melhoramentos, 2022. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/opress%C3%A3o/>>. Acesso em: 21/07/2022.

PAULA, Leticia Miranda de. **Quem somos nós?: Surgimento, identidade e legitimidade na trajetória teatral do grupo nós do morro**. 2012. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

PIRES, Breiller. **A professora que deu a vida para salvar suas crianças em Janaúba**. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/07/politica/1507338866_231399.html. Acesso em: 15 jul. 2022.

POTTERMORE. **500 million Harry Potter books have now been sold worldwide**. 2018. Disponível em: <https://www.wizardingworld.com/news/500-million-harry-potter-books-have-now-been-sold-worldwide>. Acesso em: 15 jul. 2022.

QUEIROZ, Daniela Moura. **Educação como direito fundamental de natureza social**. (Belo Horizonte, online) [online]. 2018, vol.3, n.11. ISSN 2526-1126. Disponível em: <http://pensaraeducacao.com.br/reducacaobasica/wp-content/uploads/sites/5/2018/12/Daniela-Moura-Queiroz-Educação-como-direito-fundamental-de-natureza-social.pdf>. Acesso em: 22 jul. 22.

ROWLING, J. K.. **Harry Potter e a Câmara Secreta**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. 252 p. (Harry Potter). Tradução de: Lia Wyler.

- ROWLING, J. K.. **Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. 318 p. (Harry Potter). Tradução de: Lia Wyler.
- ROWLING, J. K.. **Harry Potter e o Cálice de Fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001. 535 p. (Harry Potter). Tradução de: Lia Wyler.
- ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Ordem da Fênix**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. 703 p. (Harry Potter). Tradução de: Lia Wyler.
- ROWLING, J. K.. **Harry Potter e o Enigma do Príncipe**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. 471 p. (Harry Potter). Tradução de: Lia Wyler.
- ROWLING, J. K.. **Harry Potter e as Relíquias da Morte**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. 551 p. (Harry Potter). Tradução de: Lia Wyler.
- SANSEVERINO, Gabriela Gruszynski. **Os critérios de noticiabilidade e a função social da imprensa nos livros do Harry Potter**. 2013. 80 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- SANTOS, Jordana de Souza. **A repressão ao movimento estudantil na ditadura militar**. 2009. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Aurora/SANTOS.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2022.
- SILVA, L. C. K. G.; OLIVEIRA, D. E. S. D. **O significado moderno de “revolução”**: uma reflexão a partir de Koselleck e Arendt. In: VIII Congresso Internacional de História - XXII Semana de História - UEM, 2017, Maringá. Anais do VIII Congresso Internacional de História - XXII Semana de História - UEM, 2017. p. 33-41.
- VEIGA, Edison. **Em momento de negacionismo, pesquisas resgatam meandros da tortura durante a ditadura**. 2022. Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2022/07/07/em-momento-de-negacionismo-pesquisas-resgatam-meandros-da-tortura-durante-a-ditadura/>. Acesso em: 22 jul. 2022.
- VEIGA, Patrícia da. **Encontro reconhece importância das ocupações**. 2017. Disponível em: <https://www.ufg.br/n/95933-encontro-reconhece-importancia-das-ocupacoes>. Acesso em: 15 jul. 2022.
- VIEIRA, Mariana Aguiar. **Conceitos schmittianos no universo de Harry Potter**. 2019. 67 f. TCC (Graduação) - Curso de Direito, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.
- WELLE, Deutsche. **Por que a extrema direita elegeu Paulo Freire seu inimigo**. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/por-que-a-extrema-direita-elegeu-paulo-freire-seu-inimigo-dw/>. Acesso em: 21 jul. 2022.